

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

FERNANDA DE AMORIM GOLEMBIEWSKI

ENSINO DE HISTÓRIA E AÇÕES EDUCATIVAS EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES:
UMA ANÁLISE DAS ATIVIDADES DE RETORNO DA OFICINA *OS TESOUROS DA
FAMÍLIA ARQUIVO* (2010-2014)

PORTO ALEGRE

2015

Fernanda de Amorim Golembiewski

ENSINO DE HISTÓRIA E AÇÕES EDUCATIVAS EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES:
UMA ANÁLISE DAS ATIVIDADES DE RETORNO DA OFICINA *OS TESOUROS DA
FAMÍLIA ARQUIVO* (2010-2014)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de História da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como requisito
parcial para a obtenção do título de Licenciada
em História.

Orientador: Prof. Dr. Igor Salomão Teixeira

PORTO ALEGRE

2015

Fernanda de Amorim Golembiewski

ENSINO DE HISTÓRIA E AÇÕES EDUCATIVAS EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES:
UMA ANÁLISE DAS ATIVIDADES DE RETORNO DA OFICINA *OS TESOUROS DA
FAMÍLIA ARQUIVO* (2010-2014)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de História da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como requisito
parcial para a obtenção do título de Licenciada
em História.

Orientador: Prof. Dr. Igor Salomão Teixeira

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Igor Salomão Teixeira (Orientador) – UFRGS

Prof.^a Dr.^a Carla Simone Rodeghero – UFRGS

Prof.^a Dr.^a Carmem Zeli de Vargas Gil - UFRGS

PORTO ALEGRE

2015

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Marilene e Rogerio, os meus maiores exemplos na vida e incentivadores de todas as minhas conquistas; e ao Lucas, meu mano querido. Para vocês, meus três tesouros, dedico este singelo trabalho.

Ao meu orientador, Igor Teixeira, por ter acolhido a minha proposta e ter aceitado orientar um trabalho sobre ensino de História. Agradeço pela leitura cuidadosa e pelas sugestões pertinentes que contribuíram muito para enriquecer minhas análises e minha escrita.

À Carla Meinerz, professora querida, por todas as oportunidades de aprendizado ao longo da graduação e pela inspiração que representa para mim como professora.

Às professoras Carla Rodeghero e Carmem Gil, por aceitarem participar da banca examinadora deste trabalho. À Carmem agradeço também pelo incentivo que me levou à escolha do tema desta pesquisa.

Ao Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, por disponibilizar a documentação que viabilizou este trabalho. À Clarissa Alves, pela disponibilidade ao me receber na instituição e pela gentileza ao enviar sugestões de leitura e materiais para consulta.

Ao Ricardo – presente que a História me trouxe –, pelo amor, pelo companheirismo, pela amizade e pelo incentivo.

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise da oficina Os Tesouros da Família Arquivo, ação educativa destinada ao ensino fundamental, contextualizando a sua construção a partir do Programa de Educação Patrimonial (PEP), uma parceria do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Utiliza como documentação as Atividades de Retorno preenchidas pelos estudantes após a vivência da oficina. Contempla reflexões sobre a relação entre o Patrimônio Cultural, a Educação para o Patrimônio e o Ensino de História. Objetiva identificar conceitos e conteúdos apreendidos pelos estudantes a partir da oficina e das Atividades de Retorno. Relaciona as ações educativas desenvolvidas pelo APERS com a proposta de Educação em Espaços Não Escolares.

Palavras-chave: Ensino de História. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Os Tesouros da Família Arquivo. Educação Patrimonial. Educação em espaços não escolares.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Oficinas realizadas e retornos recebidos pelos APERS entre 2010 e 2014.....	23
Tabela 2 – Lista das escolas que participaram da oficina <i>Os Tesouros da Família Arquivo</i> entre os anos de 2010 e 2014.....	24
Tabela 3 – Atividades de Retorno da oficina <i>Os Tesouros da Família Arquivo</i> recebidas pelo APERS em 2010.....	27
Tabela 4 – Atividades de Retorno da oficina <i>Os Tesouros da Família Arquivo</i> recebidas pelo APERS em 2011.....	28
Tabela 5 – Atividades de Retorno da oficina <i>Os Tesouros da Família Arquivo</i> recebidas pelo APERS em 2012.....	29
Tabela 6 – Atividades de Retorno da oficina <i>Os Tesouros da Família Arquivo</i> recebidas pelo APERS em 2013.....	30
Tabela 7 – Atividades de Retorno da oficina <i>Os Tesouros da Família Arquivo</i> recebidas pelo APERS em 2014.....	30

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 POR QUE OS TESOUROS DA FAMÍLIA ARQUIVO?.....	14
2.1 ARQUIVOS PÚBLICOS COMO ESPAÇOS EDUCATIVOS?.....	14
2.2 OS TESOUROS DA FAMÍLIA ARQUIVO: APRESENTAÇÃO DA OFICINA.....	16
2.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO.....	21
3 UMA ANÁLISE QUANTITATIVA DA OFICINA OS TESOUROS DA FAMÍLIA ARQUIVO.....	22
3.1 INTRODUÇÃO.....	22
3.2 ANÁLISE QUANTITATIVA DA OFICINA E DAS ATIVIDADES DE RETORNO.....	22
3.3 A ATIVIDADE DE RETORNO DE OS TESOUROS DA FAMÍLIA ARQUIVO: ANÁLISE DESCRITIVA DO MATERIAL.....	31
3.4 O QUE PODEM NOS DIZER AS ATIVIDADES DE RETORNO?.....	34
4 OS VISITANTES ESTÃO COM A PALAVRA: ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS ESTUDANTES NAS ATIVIDADES DE RETORNO.....	35
4.1 PENSANDO A RESPEITO DA EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES.....	35
4.2 AS RESPOSTAS DOS ESTUDANTES ÀS QUESTÕES DAS ATIVIDADES DE RETORNO.....	37
4.3 DIRECIONAMENTOS PARA FUTUROS ESTUDOS.....	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	50
ANEXOS.....	53

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe uma análise da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo*, oferecida pelo Programa de Educação Patrimonial (PEP), uma parceria entre o Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERs) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), desde o ano de 2009. Posso creditar a duas motivações a escolha da minha proposta e do meu objeto de pesquisa. Primeiramente, a minha experiência de estágio na instituição, no segundo semestre de 2014, realizado como parte do Estágio de Docência em História III – Educação Patrimonial, uma das três atividades de estágio que compõem o currículo do curso de Licenciatura em História da UFRGS. Nessa ocasião, participei, como “oficineira”, de duas atividades educativas oferecidas pelo PEP: as oficinas *Os Tesouros da Família Arquivo* e *Resistência em Arquivo: patrimônio, ditadura e direitos humanos*. Dessa experiência resultou um relato, entregue como atividade avaliativa do Estágio, com uma breve reflexão sobre as possibilidades de abordagem da temática da escravidão a partir da escolha dos documentos e dos materiais pedagógicos que compõem a oficina *Os Tesouros da Família Arquivo*, considerando as perspectivas historiográficas atuais de trabalho para essa temática.

Somada à atuação como estagiária no APERs, uma segunda motivação me levou às reflexões apresentadas neste trabalho. Trata-se do desejo de pesquisar a respeito de temáticas relacionadas ao ensino de História, tema que me cativou ao longo da minha trajetória como licencianda. As vivências nos estágios curriculares, em escolas ou instituições de memória, são momentos marcantes e intensos na formação docente: no agir em sala de aula, frente a sujeitos com histórias de vida e expectativas de futuro, no ato de planejar e ao refletir sobre essas práticas. Desejo pensar e escrever sobre o ensino de História por acreditar no seu potencial transformador, se este for questionador e colocar em pauta a desconstrução de preconceitos e a construção de relações sociais baseadas no respeito e na promoção da diversidade.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso utilizarei como documentação as Atividades de Retorno preenchidas pelos estudantes após a visita ao APERs e a vivência da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo*. Esta etapa acontece na escola, com a orientação do professor que os acompanhou ao Arquivo. Os documentos analisados datam de 2010 a 2014. O recorte temporal justifica-se pelo período em que essas Atividades de Retorno foram aplicadas. Em 2009, primeiro ano da oficina, essa etapa avaliativa ainda não havia sido formulada. No primeiro semestre de 2015 a oficina passou por um processo de reformulação, em que a

Atividade não teve continuidade. Sendo assim, no referido recorte cronológico proposto, é possível perceber, de início, que as equipes envolvidas na realização da oficina desenvolveram um instrumento de avaliação qualitativa e, posteriormente, modificaram a forma de acompanhar a sequência das atividades após a visita ao APERS.

Este trabalho, portanto, está na relação entre a aprendizagem da disciplina História realizada nas escolas e o ensino de História em espaços não escolares. A atuação do Arquivo Público enquanto espaço para o desenvolvimento de atividades educativas, assim como os conceitos ou conteúdos apreendidos pelos alunos com a visita à instituição e a vivência da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo* também são foco da análise proposta.

A partir desses objetivos, são importantes as reflexões sobre a relação entre Patrimônio Cultural, Educação para o Patrimônio e Ensino de História. A seguir, apresento contribuições de autores que me ajudam a pensar nestas questões e servem como referenciais teóricos para esta pesquisa.

Em *Desafios teórico-metodológicos da relação Educação e Patrimônio*, Ricardo Oriá e Júnia Sales Pereira (2012) apresentam as transformações na concepção de Patrimônio Cultural no Brasil e nas ações educativas que o têm como objeto. Os autores situam essas mudanças em um contexto mundial de emergência da preocupação com a memória, que se verifica há algumas décadas. No Brasil, desde o final da década de 1980 – com a Constituição Federal de 1988 –, adotou-se uma noção abrangente para o Patrimônio Cultural, que contempla as expressões culturais de diversos grupos étnicos e sociais brasileiros, através de uma política de preservação de bens materiais e imateriais.

Mais que um novo conceito, essa ampliação do que é considerado Patrimônio Cultural diz respeito às memórias construídas socialmente sobre o passado. Em um momento histórico anterior, no que diz respeito aos bens considerados como patrimônio, foi privilegiado o tombamento de bens arquitetônicos, representativos, principalmente, da elite econômica brasileira. Dessa forma, “elegeram-se determinados bens como representativos da memória nacional em detrimento de outros, que pudessem mostrar ‘a cara’ multifacetada e pluriétnica do país” (ORÍÁ; PEREIRA, 2012, p. 167).

As proposições de Oriá e Pereira (2012) deixam implícita a noção de patrimônio como um campo de disputas e escolhas. Segundo os autores,

São os homens e as mulheres no presente que elegeem os bens culturais reveladores de seu passado e de seu presente para a constituição de sua identidade como sujeitos históricos e cidadãos plenos que constroem coletivamente suas múltiplas memórias. (ORÍÁ; PEREIRA, 2012, p. 168)

A partir da noção de Patrimônio Cultural vigente e utilizada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) também são repensadas as ações educativas que têm o Patrimônio Cultural como objeto. Considerando-o como parte do presente, passível de ressignificações, e como produto de uma cultura dinâmica, ampliam-se as possibilidades de abordagem dessas ações.

O material produzido pelo IPHAN (2014), intitulado *Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos*, apresenta diretrizes conceituais para as práticas em Educação Patrimonial. O texto traz elementos interessantes para pensar a atuação do Programa de Educação Patrimonial APERS-UFRGS. A partir desse referencial apresento a definição de Educação Patrimonial:

A Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural. (IPHAN, 2014, p. 19)

Essa definição não aponta para uma metodologia específica na construção de ações educativas. A Educação Patrimonial consiste em ações educativas que tenham o Patrimônio Cultural como objeto central, desenvolvidas em espaços escolares ou não. A partir dessa definição, o IPHAN (2014) apresenta outras premissas conceituais que devem ser consideradas na construção das propostas educativas. Dessas premissas, destaco duas. A primeira delas é relativa à participação das comunidades na construção das propostas de Educação Patrimonial. Essa diretriz propõe uma “construção coletiva do conhecimento”, que possibilite a “ação transformadora dos sujeitos no mundo e não uma educação somente reprodutora de informações” (IPHAN, 2014, p. 20).

A segunda premissa é o reconhecimento do Patrimônio Cultural como um campo de conflitos. Segundo o IPHAN (2014, p. 23), as “políticas de preservação se inserem num campo de conflito e negociação entre diferentes segmentos, setores e grupos sociais envolvidos na definição dos critérios de seleção, na atribuição de valores e nas práticas de proteção dos bens e manifestações culturais”. O texto afirma também que “é fundamental

conceber as práticas educativas em sua dimensão política, a partir da percepção de que tanto a memória como o esquecimento são produtos sociais” (IPHAN, 2014, p. 23).

Nesse sentido, as diretrizes do IPHAN apontam para ações educativas críticas e reflexivas a respeito da constituição do Patrimônio Cultural. Conceber as práticas educativas em uma dimensão política e transformadora significa, a meu ver, pensar no que está afirmado como patrimônio de todos e nas memórias sociais que ficam à margem dessas escolhas.

Carmem Gil (2014), em *Estágio de Docência em História: saberes e práticas na Educação para o Patrimônio*, apresenta contribuições para pensar a respeito do ensino de História em instituições de memória. A autora escreve a partir de suas experiências como professora da atividade de Estágio de Docência em História III – Educação Patrimonial, do curso de Licenciatura em História da UFRGS.¹

Em vários momentos de sua escrita, a autora ressalta a importância de conceber a memória como uma construção social, que deve ser constantemente problematizada, “possibilitando a produção de histórias plurais” (GIL, 2014, p. 37). Apresentar esse entendimento aos estudantes da educação básica é importante para que compreendam que as representações do passado consagradas como memórias nacionais são fruto de escolhas, que privilegiam as representações de determinados grupos sociais em detrimento de outros. Talvez isso os ajude a entender que, se os seus antepassados não estão representados em monumentos da cidade ou nos objetos de determinado museu, isso se explica por critérios que envolvem escolhas e relações de poder.

Nessa perspectiva, o Patrimônio Cultural, por sua vez, também é entendido como uma “atribuição de valor e significados” (GIL, 2014, p. 49). Para Gil,

Cabe, então, a quem ensina História, problematizar a construção da identidade nacional, empreendendo a construção de outro projeto de memória, identidade e cidadania, que incorpore diferentes grupos. As aulas de História podem se constituir, então, em locus privilegiado para que os alunos compreendam que o patrimônio não se restringe às obras culturais da memória nacional. Envolve, também, as manifestações inatingíveis e o não consagrado como elementos fundamentais de integração da população com suas condições próprias de existência. (GIL, 2014, p. 48)

¹ O Estágio de Docência em Educação Patrimonial é parte do currículo do curso de Licenciatura em História na UFRGS. A indicação é de que ele seja cursado no oitavo semestre do curso, após os dois estágios de docência em escolas. É um momento importante na formação do licenciando, pois possibilita o contato com as instituições de memória como um espaço para exercício da docência e um campo de atuação profissional. Segundo Carmem Gil (2014, p. 42), “a disciplina de Estágio III possibilita que o licenciando em História acompanhe as atividades cotidianas das instituições culturais, observe suas ações educativas, proponha atividades com o acervo, acompanhe o mediador em visitas guiadas e participe de reuniões de estudos organizadas pelas instituições”.

Outra contribuição apresentada por Carmem Gil diz respeito aos “modos de ensinar e aprender história em lugares de memória” (GIL, 2014, p. 42), ou seja, em espaços não escolares. A autora relata que os alunos, ao realizarem o Estágio de Educação Patrimonial, ampliam suas reflexões sobre o ensino de História, pois a atuação em instituições como museus e arquivos os permite pensar *onde* se aprende história e “como determinados espaços podem se constituir em ambientes pedagogicamente relevantes?” (GIL, 2014, p. 42). Utilizo os questionamentos apresentados por esse texto para refletir a respeito da atuação do APERS enquanto espaço educativo.

Destaco, por fim, os recentes trabalhos produzidos a partir das ações educativas desenvolvidas pelo PEP. Essas reflexões foram escritas por profissionais que atuam ou atuaram no Programa. A existência de uma produção escrita que tenha como objeto as ações educativas do PEP é um demonstrativo da afirmação do APERS nesse campo de atuação.

Clarissa Alves (2015), em seu Trabalho de Conclusão para o Curso de Bacharelado em História, analisa a atuação de historiadores em arquivos, a partir do processo de construção da oficina *Resistência em Arquivo: patrimônio, ditadura e direitos humanos*.

Em *Ação educativa e educação patrimonial em arquivos: a oficina “Resistência em Arquivo: patrimônio, ditadura e direitos humanos” no APERS*, as historiadoras Clarissa Alves, Nôva Brando e Vanessa Menezes (2015), abordam o processo de construção dessa oficina, situando-a no quadro mais amplo de ações desenvolvidas na instituição.

Em *Experimentações em lugares de memória: ações educativas e patrimônio*, publicação de 2015, que trata de experiências educativas em instituições de memória da cidade de Porto Alegre, há um artigo de autoria de Carla Rodeghero e Claudira Cardoso, intitulado *Ações educativas para o patrimônio na parceria UFRGS-Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS)*. As autoras apresentam um histórico das ações educativas desenvolvidas no APERS, apresentando os desafios enfrentados e o que já foi alcançado a partir do Programa de Educação Patrimonial.

Esses trabalhos são reflexões teóricas a partir das práticas desenvolvidas na instituição em parceria com a Universidade. São importantes para esta pesquisa, pois tratam de questões que envolvem a concepção e a construção das atividades educativas no Arquivo e apresentam os referenciais teórico-metodológicos que serviram como base para as mesmas.

* * *

Este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, apresento a oficina *Os Tesouros da Família Arquivo*, contextualizando a sua criação a partir do Programa de Educação Patrimonial (PEP) e da inserção do APERS em ações educativas. Também são analisadas as escolhas feitas pela equipe do PEP em relação aos documentos e aos textos que compõem o material pedagógico da oficina.

No segundo capítulo, apresento uma análise quantitativa da oficina e das Atividades de Retorno de *Os Tesouros da Família Arquivo* – a documentação selecionada para esta pesquisa. Proponho uma análise das questões presentes nas Atividades de Retorno nos cinco anos em que ela foi aplicada. Analiso as questões da Atividade dialogando com a bibliografia utilizada como referencial teórico neste trabalho.

No terceiro capítulo, em que *os visitantes estão com a palavra*, analiso a documentação selecionada com o objetivo de identificar, a partir da leitura das Atividades de Retorno preenchidas pelos alunos, os conceitos e conteúdos apreendidos pelos mesmos a partir da vivência da oficina. Apresento algumas reflexões, considerando o processo de ensino e aprendizagem em espaços não escolares.

2 POR QUE OS TESOUROS DA FAMÍLIA ARQUIVO?

2.1 ARQUIVOS PÚBLICOS COMO ESPAÇOS EDUCATIVOS?

A oficina *Os Tesouros da Família Arquivo*, objeto desta pesquisa, foi formulada no ano de 2009. Ela faz parte do Programa de Educação Patrimonial (PEP), uma parceria do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERs) com o Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A partir desse trabalho conjunto entre as instituições foram elaboradas três oficinas, que têm como público estudantes da educação básica. Para atender aos anos finais do ensino fundamental são oferecidas as oficinas *Os Tesouros da Família Arquivo* e *Desvendando o Arquivo Público: Historiador por um dia*, criada no ano de 2010. Para contemplar os estudantes do ensino médio e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi formulada a oficina *Resistência em Arquivo: patrimônio, ditadura e direitos humanos*, em 2013. As oficinas “foram construídas a partir da metodologia da Educação Patrimonial, e têm como foco central realizar problematizações históricas a partir de nosso patrimônio cultural, tendo como base o acervo documental que está salvaguardado no APERS” (APERs, [201?]).

Além das oficinas, também são oferecidos pelo PEP o Curso de Formação para Professores, para profissionais da rede pública de ensino, e a Capacitação de Oficineiros, curso para atuação nas oficinas, da qual participam estudantes de graduação em História. O Arquivo Público, através deste Programa e das oficinas oferecidas aos estudantes da educação básica, se apresenta como um espaço de construção de ações educativas e pedagógicas e, portanto, se constitui como uma instituição onde se pode aprender História fora da escola.

Raphael Ribeiro e Michelle Torre (2012) afirmam que o desenvolvimento de ações educativas não ocorre com frequência nos arquivos públicos brasileiros. Diferente do que se percebe em relação aos museus, socialmente afirmados como espaços educativos e amplamente visitados por escolas. Segundo os autores,

Tradicionalmente entendidos como instituições voltadas para um número restrito de pesquisadores e responsáveis por acervos acumulados no passado – contemporaneamente, valorizados pela sua atuação na adoção dos modernos mecanismos de gestão e de tratamento documental –, os arquivos públicos brasileiros, via de regra, mostraram-se pouco preocupados com o desenvolvimento de ações culturais de alcance mais amplo, especialmente no que se refere à manutenção de atividades de cunho educativo. (RIBEIRO; TORRE, 2012, p. 67)

No artigo *Educação Patrimonial e o Ensino de História em Instituições Arquivísticas: ações educativas no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte*, de 2012, os dois autores apresentam a trajetória do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH) em relação à construção de ações educativas voltadas para escolas, a partir da década de 1990. Eles analisam como essas experiências incorporaram pressupostos do ensino de História e da Educação Patrimonial.

Uma segunda colocação apresentada por Ribeiro e Torre (2012) refere-se a uma estrutura inadequada das instituições arquivísticas para o desenvolvimento de ações culturais ou educativas. As carências estão relacionadas aos espaços e aos profissionais que possam atuar nessas atividades, observadas “desde a pequena preocupação na disponibilização de espaços capazes de abrigar exposições e oficinas, acolhimento de turmas, salas multimídia, locais para lanche, até a raríssima estruturação de serviços educativos, com pessoal próprio” (RIBEIRO; TORRE, 2012, p. 67).

Pensando nessa afirmação sobre os arquivos públicos brasileiros e relacionando ao caso do APERS é possível estabelecer algumas diferenças. Quanto ao espaço físico para as atividades, a instituição dispõe da Sala Borges de Medeiros, em que se realizam as oficinas, e um auditório para receber os alunos, além de um amplo espaço no pátio, em que os estudantes permanecem durante o intervalo da oficina. O diferencial do APERS em relação ao seu espaço explica-se pela sua instalação em um local já construído com o intuito de abrigar um Arquivo e o seu acervo.²

Além de um espaço privilegiado, o Arquivo conta com uma equipe – composta por historiadores, estagiários e bolsistas do curso de História – dedicada ao PEP e às atividades de Educação Patrimonial. Segundo a historiadora Clarissa Sommer Alves (2015), integrante da equipe do PEP,

As debilidades financeiras – já que a instituição e a secretaria a qual está vinculada não dispõem de rubrica própria específica para investimento no PEP – têm sido compensadas com a disponibilização de todo o espaço e estrutura física necessária à realização das atividades, assim como de seu patrimônio, arquitetônico e documental, sem o qual o Programa não teria objeto ou sentido, além de importante aporte com recursos humanos, entre servidores e estagiários. (ALVES, 2015, p. 24)

² O primeiro prédio (Prédio I) do Arquivo Público foi construído entre 1910 e 1912. Em 1918, com a necessidade mais espaço para acomodar a demanda de acervo, foi iniciada a construção do segundo prédio (Prédio II). Em 1948 deu-se início à construção do terceiro prédio (Prédio III), destinado ao trabalho administrativo da instituição. Informações retiradas do *Manual de Apoio ao Oficineiro* (APERS, [201?]).

Ao pensar a instituição arquivística a partir das suas ações educativas é interessante refletir a respeito das potencialidades do seu acervo – patrimônio documental – enquanto fonte para a Educação Patrimonial e, no caso das oficinas do PEP, para o ensino de História. Nesse sentido, utilizo as contribuições de Nilton Pereira e Fernando Seffner (2008) em *O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes em sala de aula*. Os autores discutem a utilização das fontes históricas – especialmente os documentos escritos – para o ensino de História em sala de aula. Suas reflexões podem nos ajudar a pensar o uso de documentos em espaços não escolares que se propõem a construir ações educativas.

Para Pereira e Seffner (2008), o uso de fontes – as mesmas que os historiadores utilizam para construir suas narrativas – pode ser uma estratégia para ensinar história aos estudantes da educação básica. O documento é entendido como uma construção – pois não é um “dado” do passado e foi elaborado intencionalmente por uma sociedade, em um determinado contexto histórico. Nas palavras dos autores, “o que os historiadores têm a sua disposição não é o passado, mas apenas uma seleção efetuada no interior de jogos de forças” (PEREIRA; SEFFNER, 2008, p. 116). A partir desse conceito, a potencialidade do uso de documentos para o ensino de História está em “abordar o relato histórico como uma interpretação” (PEREIRA; SEFFNER, 2008, p. 117), ou seja, pensar na complexidade da produção do conhecimento histórico e das representações construídas sobre o passado.

2.2 OS TESOUROS DA FAMÍLIA ARQUIVO: APRESENTAÇÃO DA OFICINA

A oficina *Os Tesouros da Família Arquivo* apresenta como temática central a “escravidão e a luta por liberdade no Brasil a partir de documentos do acervo que registram a vida de sujeitos outrora escravizados” (ALVES; BRANDO; MENEZES, 2015, p. 14). Toda a dinâmica da atividade é construída a partir de documentos selecionados pela equipe do PEP. Os documentos fazem parte do acervo documental custodiado pelo Arquivo Público. O objetivo principal, com a oficina, é que os estudantes, através dos documentos, descubram “tesouros”: as histórias de vida de diversos sujeitos escravizados.

Após o recebimento dos alunos no Auditório e uma visita ao pátio e ao Prédio II – onde está alocada parte da documentação do Arquivo –, os alunos são direcionados à Sala Borges de Medeiros. A partir da chegada à sala, a oficina é organizada em duas etapas. Em um primeiro momento, os alunos, divididos em grupos de cinco integrantes, em média, preenchem uma ficha de cadastro com informações pessoais. O objetivo deste exercício é

propor a elaboração de um documento que posteriormente ficará guardado no Arquivo. Após o preenchimento os alunos trocam as fichas entre si e cada um faz um desenho do colega que está ao seu lado, tentando caracterizá-lo a partir das informações contidas na ficha. Para isso, recebem uma folha de papel com o desenho de um boneco. No entanto, nem todas as características que devem ser preenchidas e desenhadas estão presentes no documento – como a cor preferida ou o time do coração. Com isso, espera-se que, ao final desta etapa, sejam introduzidas questões específicas sobre o trabalho do historiador na pesquisa histórica e sua relação com a documentação de arquivos. A conclusão que se busca chegar com os alunos é que os documentos não são capazes de informar sobre a identidade dos sujeitos, e, dessa forma, precisam ser complementados com outras fontes históricas.

Na segunda etapa da oficina, iniciada com um teatro de fantoches, entra em cena a temática da escravidão. O teatro apresenta a *Família Arquivo: Seu Documétrio, Dona Memoriana e seus dois netos, Beto e Duda*. Os netos precisam fazer uma pesquisa escolar a respeito da história de seus antepassados e, para isso, recorrem aos avós. Segundo o *Material de Apoio ao Oficineiro* (APERS, [201?]), “a partir desse diálogo são discutidos temas como história, memória, escravidão, identidade e cidadania, de forma a introduzir a temática que será trabalhada no restante das etapas da oficina”.

A temática da escravidão é abordada a partir de cinco caixas pedagógicas, divididas entre os grupos. As caixas contêm cópias de documentos originais e suas transcrições, além de textos de apoio, com os quais se pretende discutir situações do cotidiano do período da escravidão no Brasil.

Nesse momento da atividade cada grupo de estudantes recebe pistas, que vão ajudá-los a encontrar a caixa pedagógica e o documento com os quais irão trabalhar na oficina. Essa dinâmica é chamada de “caça ao tesouro”. Na Sala Borges de Medeiros o “oficineiro” entrega ao seu grupo a primeira pista, que leva a uma caixa de determinada cor, escondida em meio ao acervo do APERS. Ao encontrarem a localização da primeira pista, os estudantes são direcionados às próximas, até encontrarem o seu documento.

Retornando à sala, os alunos realizam a leitura do documento da sua caixa e o interpretam, com a ajuda do “oficineiro” responsável do grupo. A partir da leitura, conhecem os sujeitos históricos ali retratados e discutem questões relativas à escravidão. Após, recebem uma folha de papel A3 em que devem desenhar os sujeitos que estudaram e incluir informações a seu respeito. O último momento da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo* consiste em reunir os alunos em um grande grupo, para compartilhar o que foi trabalhado

pelos grupos menores em conjunto com seus “oficineiros”.

Cada documento escolhido para compor a oficina apresenta uma perspectiva diferente para o trabalho dos alunos em seus grupos. São eles: *Registro de Compra e Venda*, *Carta de Liberdade ou Alforria*, *Inventário*, *Testamento* e *Processo-Crime*. Os textos pedagógicos de apoio ³ – diferentes em cada caixa – foram elaborados pela equipe do PEP para subsidiar a análise desses documentos e propor questões para a discussão em grupos.

Um dos cinco documentos escolhidos para compor a oficina trata-se de um *Registro de Compra e Venda*, de 1848, de uma família composta por três escravizados – um casal e uma criança –, conforme o trecho a seguir:

Pelo presente por mim feito e assignado, vendo ao senhor João Nunes da Silva, um casal de escravos ladinos, um por nome Vicente, e sua mulher, de nome Jacinta ambos criolos e um filho dos mesmos de nome Fortunato, que terá um anno de idade, todos pela quantia de oito centos mil réis, livre de siza, cuja quantia recebi do dito senhor em gado e mulas (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, [201?]).

O texto de apoio destaca as questões relacionadas à formação de famílias pelos escravizados, sugerindo que esse tema seja discutido pelo grupo a partir do documento. A família escravizada é apresentada como uma prática comum durante o período da escravidão no Brasil:

Alguns senhores desejavam a desunião entre seus escravos para evitar qualquer forma de oposição coletiva. Ainda assim, africanos e crioulos feitos escravos formaram laços que os uniram entre si. Outros senhores, ao contrário, incentivaram a formação da família escrava como forma de evitar fugas e para amenizar tensões entre escravos e senhores. A família escrava foi uma realidade, ainda que muitas das uniões conjugais dos escravos não fossem sancionadas pela Igreja. (...) Nestas famílias foram mantidas as tradições e as crenças vindas da África. Foram passados de pais para filhos histórias, lendas, lembranças e saberes de caça, agricultura e pastoreio. Apesar da violência da escravidão, a família representou um sustentáculo para muitos escravos, um motivo para que resistissem e às vezes até um motivo de disputa contra seus senhores. Na medida do possível, a família serviu de base para se tentar uma vida melhor contra os rigores da escravidão (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, [201?]).

Nesse sentido, entendo que os materiais dessa caixa permitem uma análise que não se restringe à perspectiva mais comum a respeito dessa temática – a do “senhor de escravos”. A família pode ser entendida como uma forma de resistência dos sujeitos escravizados e, como

³ Todos os textos pedagógicos de apoio que compõem as caixas da oficina, juntamente com a transcrição dos documentos, estão no *Material de Apoio ao Oficineiro* (APERS, [201?]).

sugere o texto de apoio, como uma maneira de buscarem uma vida “melhor”. Segundo a historiadora Ângela de Castro Gomes (2004), a questão da família escravizada é uma das categorias de análise apontadas pela historiografia atual que trata da escravidão brasileira.

Escolhi analisar um dos documentos de forma mais detalhada para apresentar algumas proposições e reflexões possíveis a partir das escolhas feitas pela equipe organizadora da oficina. Exponho, a seguir, de forma mais geral, as possibilidades abertas pelos demais documentos e seus respectivos textos pedagógicos.

A *Carta de Liberdade* ou de *Alforria* registra a alforria dada por um senhor à escravizada Maria – de noventa anos, segundo consta no documento –, em 1882. O texto pedagógico que acompanha o documento propõe uma questão sobre o significado de “ser livre” naquela época e atualmente. Considera que a alforria era vista como uma concessão do senhor ao escravizado e que, mesmo após a liberdade, havia o estabelecimento de laços de dependência entre eles. Destaca, também, a possibilidade de compra da alforria pelos escravizados.

O *Testamento*, de 1864, apresenta uma carta de testamento em que são listados bens a serem deixados de herança. Entre os bens mencionados, constam duas mulheres – Maria e Luiza –, uma liberta e outra que ganha a sua alforria através do testamento, e o menino Antonio, a quem seria concedida a alforria quando completasse vinte e um anos. O texto de apoio menciona que era comum a alforria dos escravos em testamentos. Essa caixa – assim como a anterior – apresenta a potencialidade de discutir as possibilidades de obtenção da liberdade pelos escravizados. Assim como o tema da família escravizada, a liberdade é outra categoria importante aos estudos recentes sobre a escravidão (GOMES, 2004).

O *Inventário*, de 1838, apresenta um levantamento de bens, em que são incluídos dois escravizados – Antônio e João – a quem são atribuídos preços muito distintos, em função de sua idade e suas características físicas. A discussão proposta nessa caixa refere-se à questão de atribuição de valores às pessoas, questionando os alunos se eles percebem, ainda hoje, pessoas sendo julgadas por suas características físicas.

O *Processo-Crime*, de 1861, apresenta a história de Rufino, um escravizado acusado de furto e, em consequência, um dos réus em um processo. A conclusão desse caso é a desistência da parte do acusador e a decisão favorável aos réus. O texto de apoio afirma que esse tipo de documento é muito rico para estudar a escravidão e menciona as condições precárias a que os escravizados eram submetidos, questionando, ao final, se essa realidade os motivava a cometer crimes.

A partir da contribuição de Ângela de Castro Gomes (2004), podemos afirmar que a oficina dialoga com as perspectivas atuais para o trabalho com a temática da escravidão em alguns aspectos. Em primeiro lugar, a escolha dos documentos, que se inserem na categoria de “novas fontes” para os estudos da escravidão (GOMES, 2004, p. 165), como *processos criminais, registros de compra e venda, processos de liberdade e inventários*. Outra perspectiva atual e, a meu ver, muito adequada para ser trabalhada em ações educativas, refere-se ao entendimento dos escravizados enquanto sujeitos e agentes históricos.

Por fim, acrescento uma consideração a respeito de uma questão importante quando tratamos de ações educativas: a preocupação com o respeito à diversidade étnica e social. A meu ver, a oficina contempla, de alguma maneira, a Lei 10.639, de 2003, que regulamenta a obrigatoriedade do ensino de História da África, da cultura africana e afro-brasileira e da história dos africanos e afrodescendentes no Brasil. Por um lado, acredito que colocar em prática a exigência da lei somente a partir da temática da escravidão pode ser problemático, pois as principais imagens conhecidas socialmente e amplamente veiculadas a respeito desse processo histórico representam os escravizados sendo açoitados. O sofrimento causado a esses sujeitos através de sua escravização foi uma realidade que não pode ser relativizada de forma alguma, no entanto, quando esse é o único viés de análise do período escravocrata, não nos permite pensar a história desses indivíduos como agentes históricos.

Por outro lado, a oficina *Os Tesouros da Família Arquivo* propõe uma perspectiva alternativa a do “escravo-coisa”⁴ e traz documentos e textos pedagógicos que permitem pensar a possibilidade de agência desses sujeitos, mesmo submetidos a uma condição de trabalho forçado e de restrição de sua liberdade. Conforme nos apresenta Ângela de Castro Gomes (2004),

Com tais fontes é possível recolocar os escravos “de verdade” na dinâmica histórica, dando-lhes nomes e muitas trajetórias de vida. A dimensão do cotidiano do trabalhador escravo, liberto e livre surge desses documentos ainda que na “fala dos outros”, como um policial e mesmo um senhor de escravos. Os escravos passam a ser o Fortunato de um processo crime, a Liberata de uma

⁴ Segundo Ângela de Castro Gomes (2004), essa perspectiva historiográfica foi construída a partir da década de 1960, por autores como Fernando Henrique Cardoso e Jacob Gorender. Questionava principalmente o mito do caráter não violento da escravidão brasileira, que teve como principal referencial a obra *Casa Grande e Senzala* (1933), de Gilberto Freire. Para a autora, “pode-se entender esse mito como o que postulava que o trabalhador escravo vivenciara uma situação de dominação de tal natureza que, embora fosse capaz de ações humanas, ficara destituído de consciência, tornando-se incapaz de ter orientações próprias. Ou seja, ele se transformara efetivamente em ‘coisa ou peça’, como na linguagem de seus senhores e contemporâneos livres. Nessa perspectiva, o escravo, completamente vitimizado, não possuía qualquer margem de manobra na sociedade escravista, estando privado de todos os direitos, inclusive o de ter família ou qualquer tipo de bem” (GOMES, 2004, p. 163).

ação de liberdade ou o Pancrácio de um conto de Machado de Assis. Se “reais” ou “fictícios”, não importa, pois suas trajetórias de vida permitem um mergulho nos sentidos da liberdade e nas estratégias de negociação empreendidas no Brasil dos oitocentos pela população de trabalhadores estudada. (GOMES, 2004, p. 166)

Essa perspectiva pode auxiliar na construção de propostas educativas antirracistas e de valorização da diversidade.

2.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

A partir da apresentação em linhas gerais de *Os Tesouros da Família Arquivo* e da breve análise dos documentos selecionados e dos textos pedagógicos de apoio elaborados para compor as caixas pedagógicas podemos identificar as reflexões pretendidas pela equipe do PEP com a oficina. Ao longo desse trabalho buscarei responder à seguinte questão: analisando as atividades de retorno preenchidas pelos alunos, é possível apreender que os objetivos enunciados foram alcançados?

3 UMA ANÁLISE QUANTITATIVA DA OFICINA *OS TESOUROS DA FAMÍLIA ARQUIVO*

3.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo apresento uma análise quantitativa da documentação referente à oficina *Os Tesouros da Família Arquivo*. Esta análise, conforme dito anteriormente, é baseada na “Atividade de Retorno”. A Atividade de Retorno consiste em uma etapa final da oficina e entre 2010 e 2014 foi enviada a todas as turmas que participaram da oficina no APERS. Esta Atividade foi elaborada para ser realizada nas escolas, com a orientação do professor que acompanhou a turma na visita ao Arquivo.

O material entregue pela equipe do PEP aos professores possui as seguintes orientações, conforme a versão de 2014:

Para que possamos dar continuidade e qualidade ao Programa solicitamos a sua contribuição aplicando à turma a atividade sugerida a seguir e retornando ao APERS as respostas produzidas pelos estudantes.

Divida a turma em duplas conduzindo uma leitura conjunta e explicativa da atividade a ser realizada pelos estudantes. Aqueles que por ventura não tenham participado da oficina deverão incorporar-se a uma dupla. As questões deverão ser respondidas de modo dissertativo.

[...] Salientamos que esta etapa cumprida após a visita, se configura num momento de “apropriação” da metodologia da Educação Patrimonial pelos estudantes, além de tornar-se importante para avaliação e renovação do Programa desenvolvido no APERS.⁵

Essas orientações apresentam como objetivos dessa etapa avaliativa 1) a “apropriação” da metodologia da Educação Patrimonial pelos alunos que participaram da oficina e 2) um retorno ao PEP, como instrumento de avaliação da atividade oferecida.

3.2 ANÁLISE QUANTITATIVA DA OFICINA E DAS ATIVIDADES DE RETORNO

Entre os anos de 2010 e 2014, que compõem o recorte temporal desta pesquisa, foram realizadas 213 oficinas *Os Tesouros da Família Arquivo*, segundo o Cadastro Geral de Oficinas disponibilizado para consulta pelo APERS.⁶ Destas 213 oficinas realizadas constam,

⁵ APERS. Orientações para o preenchimento da Atividade de Retorno, 2014.

⁶ O Cadastro Geral de Oficinas é um material em formato digital organizado pela equipe educativa do APERS. Apresenta uma listagem de todas as oficinas realizadas a partir do ano de 2009 e informações sobre cada uma: a escola e a turma participante; a data da visita; a oficina oferecida (*Os Tesouros da Família Arquivo*,

no APERS, 87 retornos recebidos. Cada retorno corresponde a uma turma participante, ou seja, a um determinado número de Atividades de Retorno, que são preenchidas em duplas ou em grupos maiores.

A esta diferença de 126 retornos faltantes não é possível afirmar que o professor responsável não realizou a atividade. A Atividade de Retorno pode ter sido realizada, porém, não devolvida ao Arquivo. Afinal, esta era uma incumbência do docente responsável, não havendo necessariamente um controle ou obrigatoriedade para o retorno das mesmas. A documentação analisada nesta pesquisa compreende, portanto, as 87 atividades recebidas pela instituição – cada atividade corresponde a uma turma visitante.

A tabela abaixo apresenta a relação entre o número de oficinas *Os Tesouros da Família Arquivo* realizadas a cada ano, entre 2010 e 2014, e o de retornos enviados pelas escolas que participaram da oficina.

Tabela 1 – Oficinas realizadas e retornos recebidos pelos APERS entre 2010 e 2014

2010		2011		2012		2013		2014	
O	R	O	R	O	R	O	R	O	R
24	6	67	39	52	19	15	7	55	16

Legenda: O= Oficinas realizadas; R= Retornos recebidos.

Os dados apresentados acima demonstram que, com exceção do ano de 2011, os retornos recebidos pelo APERS não chegam à metade do número de oficinas realizadas. No entanto, os motivos que levam as escolas a não realizarem a atividade não serão investigados nesta pesquisa. A abordagem empreendida neste espaço se propõe a analisar os casos em que as atividades foram enviadas à instituição.

As escolas participantes da oficina são estaduais ou municipais, da cidade de Porto Alegre ou da sua região metropolitana. O público de *Os Tesouros da Família Arquivo* são alunos dos sexto e sétimo anos do ensino fundamental, o que se confirma na documentação pesquisada. Há registros ocasionais que fogem ao público alvo: turmas de quinto, oitavo ou nono anos. Os anos ou séries das turmas participantes da oficina foram identificados conforme o Cadastro Geral de Oficinas disponibilizado pelo APERS. Com a reforma do ensino fundamental, implementada em 2006, houve uma mudança na nomenclatura – de série

Desvendando o Arquivo Público: historiador por um dia ou *Resistência em Arquivo: patrimônio, ditadura e direitos humanos*); o recebimento da atividade de retorno; e o contato do professor que acompanhou a turma na visita. Agradeço ao APERS e à equipe educativa por disponibilizarem o material para consulta.

para ano. Há uma confusão com o uso desses termos nas Atividades de Retorno preenchidas pelos alunos, o que dificultou obter essa informação com clareza a partir da pesquisa à documentação. Muitas vezes, em uma mesma turma, os alunos identificam sua série ou ano de maneiras diferentes, por exemplo: sexta série e sétimo ano.

Ao longo dos cinco anos investigados, 87 escolas foram contempladas pelo PEP através da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo*, sendo que 21 delas participaram da atividade em mais de um ano. As escolas que mais vezes participaram da atividade foram: a Escola Municipal de Ensino Fundamental (E. M. E. F.) Aramy Silva, 11 vezes; a Escola Estadual de Ensino Médio (E. E. E. M.) Rafaela Remião, *nove* vezes; a Escola Estadual de Ensino Fundamental (E. E. E. F.) Humaitá, *oito* vezes; a E. M. E. F. Heitor Villa-Lobos, *sete* vezes; as E. E. E. M. Baltazar de Oliveira Garcia e E. M. E. F. Herbert José de Souza, *seis* vezes. A tabela abaixo apresenta uma listagem de todas as escolas que participaram da oficina entre 2010 e 2014.

Tabela 2 – Lista das escolas que participaram da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo* entre os anos de 2010 e 2014

(continua)

Escola	Número de visitas	Anos em que a escola realizou a(s) visita(s)
E. M. E. F. Aramy Silva	11	2011/2012/2013/2014
E. E. E. M. Rafaela Remião	9	2010/2011/2012/2014
E. E. E. F. Humaitá	8	2011/2012
E. M. E. F. Heitor Villa-Lobos	7	2011/2014
E. E. E. M. Baltazar de Oliveira Garcia	6	2012/2014
E. M. E. F. Herbert José de Souza	6	2012/2014
E. E. E. F. Araguaia	5	2010/2012/2014
E. E. E. F. Cidade Jardim	5	2011
E. E. E. F. Alceu Wamosy	5	2011/2012/2013
E. M. E. F. João Paulo I	5	2013/2014
E. E. E. F. Helena Schneider	4	2010/2011/2012/2013
E. E. E. F. Prof. Leopoldo Tietbohl	4	2010/2012
E. E. E. F. Otávio Mangabeira	4	2011

(continuação)

Escola	Número de visitas	Anos em que a escola realizou a(s) visita(s)
E. M. E. F. Moradas da Hípica	4	2012
E. M. E. F. Nossa Senhora do Carmo	4	2012/2014
E. M. E. F. Vereador Antônio Giúdice	4	2012/2014
E. E. E. F. Dr. Ferreira de Abreu	4	2014
E. E. E. F. Prof. ^a Thereza Noronha Carvalho	4	2014
E. M. E. F. Décio Martins Costa	3	2011
E. M. E. F. Jean Piaget	3	2011
Colégio La Salle Pão dos Pobres	3	2011
E. E. E. F. Solimões	3	2011/2012
E. E. E. F. Vera Cruz	3	2011/2012
E. E. E. F. Brigadeiro Silva Paes	3	2012
E. M. E. F. Dolores Alcaraz Caldas	3	2012
E. M. E. F. Gov. Ildo Meneghetti	3	2012/2014
E. M. E. F. José Loureiro da Silva	3	2012/2014
E. M. E. F. São Pedro	3	2012/2014
E. E. E. B. Fernando Gomes	3	2014
E. E. E. B. Almirante Bacelar	2	2010
Colégio Adventista Marechal Rondon	2	2010
Colégio de Aplicação	2	2010
E. E. E. F. Fabíola Pinto Dorneles	2	2010
E. E. E. F. Gabriela Mistral	2	2010
E. E. E. F. Rio de Janeiro	2	2010
E. E. E. F. Toyama	2	2011
E. M. E. F. Prof. ^a Ana Íris do Amaral	2	2011
E. M. E. F. Vereador Carlos Brum	2	2011
E. E. E. F. Nehyta Martins Ramos	2	2011/2012
E. E. E. B. Presidente Roosevelt	2	2012
E. E. E. F. João Batista de Lacerda	2	2012
E. E. E. F. Santa Luzia	2	2012
Fórum Social Infantil 2012 (Evento)	2	2012

(continuação)

Escola	Número de visitas	Anos em que a escola realizou a(s) visita(s)
Colégio Estadual Florinda Tubino Sampaio	2	2013/2014
Centro Educacional Santa Isabel – Viamópolis	2	2014
E. E. E. F. Souza Lobo	2	2014
E. E. E. F. Tancredo Neves	2	2014
E. M. E. F. Prof. ^a Aurialícia Chaxim Bes	2	2014
E. E. E. M. Almirante Barroso	1	2010
E. E. E. F América	1	2010
E. E. E. F. Aparício Borges	1	2010
E. E. E. F. Dr. Miguel Tostes	1	2010
E. E. E. F. Monte Líbano	1	2010
E. E. E. F. Rafael Pinto Bandeira	1	2010
Colégio Estadual Prof. Cônego Paulo de Nadal	1	2011
E. E. E. F. Bahia	1	2011
E. E. E. F. Pe. Balduino Rambo	1	2011
E. E. E. F. Professores Langendonck	1	2011
E. E. E. M. Prof. Julio Grau	1	2011
E. E. E. M. Santa Rosa	1	2011
E. E. E. M. Alcebíades Azeredo	1	2011
E. M. E. F. Érico Veríssimo	1	2011
E. M. E. F. Grande Oriente do RS	1	2011
Escola Neo-Humanista Ananda Marga	1	2011
ONG Casa Brasil Projeto Tabor	1	2011
E. M. E. F. Prof. Gilberto Jorge Gonçalves	1	2011
E. E. E. F. José Garibaldi	1	2012
E. E. E. F. Santa Rita de Cássia	1	2012
E. M. E. F. Idalina de Freitas Lima	1	2012
E. E. E. F. Cristóvão Colombo	1	2013
E. E. E. F. Paul Harris	1	2013
E. E. E. F. Planalto Canoense	1	2013
E. M. E. F. Rincão	1	2013

(conclusão)

Escola	Número de visitas	Anos em que a escola realizou a(s) visita(s)
E. M. E. F. Gonçalves Dias	1	2013
E. E. E. F. Vila Cruzeiro do Sul	1	2013
Colégio Estadual Paraná	1	2014
E. E. E. F. Dr. Oswaldo Aranha	1	2014
E. E. E. F. Emílio Kemp	1	2014
E. E. E. F. Itamarati	1	2014
E. E. E. F. Prof. Ivo Corseuil	1	2014
E. E. E. M. Prof. Oscar Pereira	1	2014
E. M. E. F. Presidente Vargas	1	2014
E. M. E. F. Zeferino Lopes de Castro	1	2014
E. E. Indígena de E. F. Kara Arandú	1	2014

Fonte: APERS. Cadastro Geral de Oficinas 2009-2015.

As Atividades de Retorno recebidas foram enviadas por 42 escolas participantes. As tabelas abaixo apresentam a listagem dos retornos enviados pelas escolas ao APERS em cada um dos anos analisados.

Tabela 3 – Atividades de Retorno da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo* recebidas pelo APERS em 2010

Nome da escola	Série ou ano	Data da visita
1) Colégio de Aplicação	5ª série	28/04/10
2) Colégio de Aplicação	5ª série	29/04/10
3) E. E. E. F. Araguaia	5ª série	30/09/10
4) E. E. E. M. Rafaela Remião	5ª série	06/10/10
5) E. E. E. F. Fabíola Pinto Dorneles	7ª série	21/10/10
6) E. E. E. F. Araguaia	6ª série	28/10/10

Fonte: APERS. Cadastro Geral de Oficinas 2009-2015; APERS. Atividades de Retorno, 2010.

Tabela 4 – Atividades de Retorno da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo* recebidas pelo APERS em 2011

(continua)

Nome da escola	Série ou ano	Data da visita
1) Escola Neo-Humanista Ananda Marga	5ª série	05/04/11
2) E. E. E. F. Bahia	5ª e 6ª série	06/04/11
3) E. E. E. M. Rafaela Remião	6ª série	07/04/11
4) E. E. E. F. Humaitá	5ª série	12/04/11
6) E. E. E. F. Vera Cruz	6º ano	13/04/11
7) E. E. E. M. Rafaela Remião	5ª série	14/04/11
8) E. M. E. F. Prof. Gilberto Jorge	5ª ou 6ª série	27/04/11
9) E. E. E. F. Helena Schneider	6ª série	28/04/11
10) E. E. E. F. Humaitá	6ª série	28/04/11
11) E. M. E. F. Heitor Villa-Lobos	6º ano	04/05/11
12) E. M. E. F. Heitor Villa-Lobos	5º ano	11/05/11
13) E. E. E. F. Cidade Jardim	5º ano	26/05/11
14) E. E. E. F. Cidade Jardim	5º ano	02/06/11
15) E. E. E. F. Cidade Jardim	5ª série	07/06/11
15) E. M. E. F. Aramy Silva	6º ano	08/06/11
16) E. E. E. F. Humaitá	6º ano	09/06/11
17) E. M. E. F. Aramy Silva	6º ano	14/06/11
18) E. E. E. M. Prof. Júlio Grau	5ª série	15/06/11
19) E. M. E. F. Aramy Silva	6º ano	16/06/11
20) E. E. E. F. Cidade Jardim	6º ano	21/06/11
21) E. E. E. F. Cidade Jardim	6º ano	28/06/11
22) E. M. E. F. Décio Martins Costa	6º ano	29/06/11
23) E. M. E. F. Prof. ^a Ana Íris do Amaral	4º a 7º ano	13/07/11
24) E. M. E. F. Heitor Villa-Lobos	7º ano	14/07/11
25) E. E. E. F. Pe. Balduíno Rambo	6º ano	30/08/11
26) Col. Estadual Prof. Conêgo Paulo de Nadal	5º ano	30/08/11
27) E. E. E. F. Toyama	6º ano	14/09/11
28) E. E. E. F. Alceu Wamosy	5º e 6º ano	14/09/11
29) E. E. E. F. Nehyta Martins Ramos	5º ano	15/09/11

(conclusão)

Nome da escola	Série ou ano	Data da visita
30) E. E. E. F. Professores Longendock	6º ano	05/10/11
31) E. E. E. M. Rafaela Remião	5ª série	19/10/11
32) E. E. E. F. Alceu Wamosy	6ª série	20/10/11
33) E. E. E. F. Solimões	6ª série	08/11/11
34) E. E. E. M. Rafaela Remião	5ª série	09/11/11
35) E. E. E. F. Solimões	6ª série	10/11/11
36) E. E. E. M. Prof. Alcides Cunha	5ª série	16/11/11
37) E. E. E. F. Otávio Mangabeira	5ª série	23/11/11
38) E. E. E. M. Prof. Alcides Cunha	5ª série	29/11/11
39) E. E. E. M. Rafaela Remião	5ª série	06/12/11

Fonte: APERS. Cadastro Geral de Oficinas 2009-2015; APERS. Atividades de Retorno, 2011.

Tabela 5 – Atividades de Retorno da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo* recebidas pelo APERS em 2012

(continua)

Nome da escola	Série ou ano	Data da visita
1) E. E. E. F. Leopoldo Tietbohl	6ª série	12/04/12
2) E. E. E. M. Rafaela Remião	6º ano	17/04/12
3) E. M. E. F. Aramy Silva	6º ano	17/04/12
4) E. E. E. F. Leopoldo Tietbohl	6ª série	19/04/12
5) E. M. E. F. Aramy Silva	7º ano	24/04/12
6) E. E. E. M. Prof. Alcides Cunha	6ª série	03/05/12
7) E. E. E. M. Prof. Alcides Cunha	6ª série	09/05/12
8) Instituto de Educação Gal. Flores da Cunha	6ª série	16/05/12
9) E. E. E. F. Brigadeiro Silva Paes	6ª série	29/05/12
10) E. M. E. F. Nossa Senhora do Carmo	6º ano	30/05/12
11) E. M. E. F. Nossa Senhora do Carmo	5ª série	31/05/12
12) E. E. E. F. José Garibaldi	6ª série	03/07/12
13) E. M. E. F. Aramy Silva	6ª série	05/07/12
14) E. E. E. M. Baltazar de Oliveira Garcia	5ª série/6º ano	11/09/12

(conclusão)

Nome da escola	Série ou ano	Data da visita
15) E. E. E. M. Baltazar de Oliveira Garcia	5ª série/6º ano	12/09/12
16) E. M. E. F. Herbert José de Souza	6ª série	10/10/12
17) E. M. E. F. Governador Ildo Meneghetti	8ª série/9º ano	16/10/12
18) E. E. E. F. Solimões	5ª série	29/11/12
19) E. M. E. F. Herbert José de Souza	6º ano	04/12/12

Fonte: Fonte: APERS. Cadastro Geral de Oficinas 2009-2015; APERS. Atividades de Retorno, 2012.

Tabela 6 – Atividades de Retorno da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo* recebidas pelo APERS em 2013

Nome da escola	Série ou ano	Data da visita
1) E. E. E. F. Cristóvão Colombo	6º ano	17/09/13
2) E. M. E. F. Paul Harris	6º ano	24/09/13
3) E. M. E. F. Aramy Silva	6ª série	08/10/13
4) E. M. E. F. Aramy Silva	6ª série	16/10/13
5) Instituto de Educação Gal. Flores da Cunha	7ª série	23/10/13
6) Colégio Estadual Florinda Tubino Sampaio	7º ano	29/10/13
7) E. M. E. F. João Paulo I	7º ano	19/11/13

Fonte: APERS. Cadastro Geral de Oficinas; APERS. Atividades de Retorno, 2013.

Tabela 7 – Atividades de Retorno da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo* recebidas pelo APERS em 2014

(continua)

Nome da escola	Série ou ano	Data da visita
1) E. M. E. F. Ver. Antônio Giúdice	7º ano	09/04/14
2) E. M. E. F. João Paulo I	6º ano	15/04/14
3) E. M. E. F. João Paulo I	6º ano	22/04/14
4) E. M. E. F. João Paulo I	6º ano	23/04/14
5) E. M. E. F. João Paulo I	6º ano	24/04/14
6) E. E. E. F. Dr. Oswaldo Aranha	6º e 7º ano	07/05/14
7) CESI – Viamópolis	7º ano	29/05/14
8) CESI – Viamópolis	7º ano	12/06/14

(conclusão)

Nome da escola	Série ou ano	Data da visita
9) E. M. E. F. Herbert José de Souza	6º ano	24/06/14
10) E. E. E. M. Rafaela Remião	6º ano	26/06/14
11) E. M. E. F. Herbert José de Souza	6º ano	01/07/14
12) E. E. E. F. Ivo Corseuil	6º ano	02/07/14
13) E. M. E. F. São Pedro	5º ano	09/07/14
14) E. M. E. F. Herbert José de Souza	7º ano	09/09/14
15) E. M. E. F. Herbert José de Souza	7º ano	01/10/14
16) E. E. E. M. Paraná	6º e 7º ano	02/10/14

Fonte: APERS. Cadastro Geral de Oficinas 2009-2015; APERS. Atividades de Retorno, 2014.

Na pesquisa à documentação foram localizados: *oito* retornos da E. M. E. F. Aramy Silva e da E. E. E. M. Rafaela Remião; *seis* retornos da E. M. E. F. Herbert José de Souza; *cinco* retornos da E. E. E. F. Cidade Jardim e da E. M. E. F. João Paulo I; *quatro* retornos da E. E. E. F. Prof. Alcides Cunha; três retornos da E. E. E. F. Humaitá, da E. M. E. F. Heitor Villa Lobos e da E. E. E. F. Solimões. Além das escolas citadas, que aparecem em maior número na documentação, há outras oito que enviaram a Atividade de Retorno em duas oportunidades; e 25 que enviaram atividades apenas uma vez.

3.3 A ATIVIDADE DE RETORNO DE *OS TESOUROS DA FAMÍLIA ARQUIVO*: ANÁLISE DESCRITIVA DO MATERIAL

A Atividade de Retorno proposta pela equipe do PEP como etapa final da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo* entre os anos de 2010 e 2014 apresenta questões que tratam principalmente da temática do Patrimônio Cultural. Ao longo dos cinco anos em que a Atividade foi utilizada o material passou por reformulações, com o acréscimo ou a retirada de questões e mudanças na sua apresentação.⁷

As primeiras versões da Atividade de Retorno de *Os Tesouros da Família Arquivo*, de 2010⁸ e 2011⁹, apresentavam cinco questões dissertativas, sendo três delas iguais nos materiais utilizados para os dois anos. Na versão de 2010, a segunda questão da Atividade

⁷ Ao final do trabalho estão anexados exemplos das Atividades de Retorno aplicadas em cada ano.

⁸ APERS. Atividade de Retorno da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo*, 2010. (Conferir ANEXO 1)

⁹ APERS. Atividade de Retorno da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo*, 2011. (Conferir ANEXO 2)

indaga sobre as fontes utilizadas pelos historiadores para produzir conhecimento histórico. Ainda que essa questão não tenha sido mantida na versão seguinte da Atividade, em 2011, ela foi escolhida para análise em função de sua temática.

A partir de 2012, o material passou a ter apenas quatro questões. Nesse ano foi incluído na Atividade um pequeno parágrafo introdutório às questões:

Durante a oficina aprendemos que Patrimônios não são apenas objetos ou construções que representam a cultura das elites, mas pode ser qualquer tipo de registro de importância para uma comunidade.¹⁰

Essa introdução, mesmo breve, traz um elemento importante para pensar o Patrimônio Cultural: como um conjunto de escolhas, a partir de disputas entre grupos sociais – dialogando com as premissas conceituais do IPHAN (2014) para a Educação Patrimonial. Ressalta, também, que as manifestações culturais imateriais são patrimônios e que o “não consagrado” pode ser considerado patrimônio, se for significativo para determinada comunidade.

Entre 2012 e 2014 a Atividade não foi modificada, exceto pelo parágrafo introdutório – reformulado em 2014, mas apresentando a mesma ideia do anterior, citado acima. Após a modificação, a introdução à Atividade de Retorno ficou assim:

Durante a oficina aprendemos que patrimônios não são apenas objetos ou construções que representam a cultura das elites ou de quem está no poder. Podem ser considerados patrimônios diversos tipos de registro de nossa história e cultura que sejam importantes para diferentes grupos sociais. Pensando nisso, e lembrando das atividades que vocês vivenciaram no Arquivo Público, vamos responder a essas questões?¹¹

A seguir, proponho uma análise mais específica a respeito dessas quatro questões. Essa escolha justifica-se por essas questões permanecerem por mais tempo no material, sem sofrer modificações. Da mesma forma, a análise das respostas dos alunos, empreendida no capítulo seguinte, dará prioridade a essas questões.¹²

A primeira questão solicita que os alunos identifiquem, a partir de oito imagens, o tipo de Patrimônio ao qual correspondem – documental, arqueológico, arquitetônico, imaterial, natural. São elas: um livro/documento (patrimônio documental); um prédio (patrimônio

¹⁰ APERS. Atividade de Retorno da oficina Os Tesouros da Família Arquivo, 2012.

¹¹ APERS. Atividade de Retorno da oficina Os Tesouros da Família Arquivo, 2014. (Conferir ANEXO 3)

¹² Duas questões não serão objeto de análise. Trata-se da Questão 4 da Atividade de 2010 e Questão 1 das Atividades de 2010 e 2011.

arquitetônico); uma cuia de chimarrão (patrimônio imaterial); um sítio arqueológico e uma parede com arte rupestre (patrimônios arqueológicos); duas paisagens naturais (patrimônios naturais); e a capoeira (patrimônio imaterial). Essa proposta incorpora a atual perspectiva do IPHAN (2014) a respeito da noção de Patrimônio Cultural. Atualmente, esse conceito é abrangente, caracterizando como patrimônio as expressões culturais, materiais ou imateriais, de diversos grupos étnicos e sociais.

As duas questões seguintes referem-se à questão da preservação do Patrimônio Cultural. A primeira delas pergunta sobre a importância da preservação. A outra solicita que os alunos pensem e sugiram propostas para a promoção da preservação da memória, da identidade e da história de seu bairro e de sua escola.

O uso da expressão “preservação da memória” transmite a ideia de memória como algo imobilizado, que está no passado e pode ser recuperado. Carmem Gil (2014) entende o patrimônio como uma construção feita por sujeitos do presente. Da mesma forma, a memória. Segundo a autora,

Museus, arquivos, memoriais são “lugares de memórias” que reconstróem a representação que é feita ou prescrita de um povo. Aos historiadores educadores, cabe não só constatar quais são os lugares da memória, mas explicitar a forma como tal memória é construída [...] indo além de sua valorização. (GIL, 2014, p. 45)

Para Ricardo Oriá e Júnia Pereira (2012), faz parte dos desafios teórico-metodológicos da relação entre Patrimônio Cultural e Educação a questão da temporalidade. A proposta dos autores é distanciar-se “da abordagem de registros e fatos isolados (mas privilegiando as relações entre os bens e manifestações culturais) e garantindo a emergência de problemáticas do presente na compreensão da face educativa do patrimônio” (ORÍÁ; PEREIRA, 2012, p. 170).

Por outro lado, a partir dessa questão os estudantes têm a possibilidade de propor ações que contemplem os seus espaços de vivência – o bairro em que moram e a escola em que estudam. Isso representa uma potencialidade para estabelecer relações entre a temática do patrimônio e o tempo presente.

Para responder à última questão – incluída na atividade na versão de 2011 –, os alunos devem elaborar uma pequena redação, de aproximadamente dez linhas, a respeito dos assuntos que foram estudados durante a oficina. Nessa questão, cuja proposta é ampla, há espaço para que os estudantes escrevam a respeito de suas impressões sobre a visita ao

Arquivo Público e seus espaços – como a visita ao acervo, que ocorre na primeira etapa da oficina –, ou abordem questões relativas à temática da escravidão que são trabalhadas durante a oficina, através da análise de documentos selecionados e da discussão em grupos mediada pelos “oficineiros”. Adianto que as principais referências feitas pelos alunos nas respostas a essa pergunta referem-se às histórias dos sujeitos escravizados contadas nos documentos.

3.4 O QUE PODEM NOS DIZER AS ATIVIDADES DE RETORNO?

As Atividades de Retorno são um recurso importante para construir reflexões sobre a oficina *Os Tesouros da Família Arquivo*. Investigá-la a partir dessas atividades possibilita conhecer as percepções dos alunos a respeito da sua experiência. No entanto, a intenção desta pesquisa não é avaliar a oficina a partir das respostas dos estudantes ou limitar os aprendizados que ela possibilita construir ao que está escrito nas Atividades.

As Atividades de Retorno serão analisadas como um produto da experiência da oficina, que envolve a visita ao APERS, o contato com o seu acervo documental, as atividades lúdicas – como o teatro de fantoches e a caça ao tesouro –, e o trabalho com os documentos referentes à escravidão. Mas as respostas dos estudantes resultam, também, de conceitos que os mesmos já possuem antes de participar da oficina: sobre patrimônio, memória, história ou escravidão.

Outro ponto a ser considerado é que muitas das Atividades não apresentam todas as questões preenchidas. Algumas, inclusive, foram entregues em branco pelos estudantes. Não podemos constatar o nível de envolvimento dos alunos ao responder às questões. Da mesma forma, não é possível afirmar que todas as aprendizagens construídas pelos estudantes estejam sistematizadas na sua escrita.

Ao estabelecer essas ponderações, que estarão presentes na análise da documentação, proponho alguns questionamentos. Quais as ideias sobre Patrimônio Cultural a oficina *Os Tesouros da Família Arquivo* ajuda a construir e podem ser observadas nas respostas dos estudantes? Quais as reflexões eles conseguem estabelecer a partir do trabalho com os documentos selecionados? De que forma os estudantes apresentam as histórias desses sujeitos em suas respostas? No próximo capítulo, através da análise das questões respondidas pelos estudantes nas Atividades de Retorno, procura-se responder a essas perguntas.

4 OS VISITANTES ESTÃO COM A PALAVRA: ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS ESTUDANTES NAS ATIVIDADES DE RETORNO

4.1 PENSANDO A RESPEITO DA EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES

Para iniciar as reflexões deste capítulo considero importante pensar na especificidade da História ensinada. O conhecimento escolar não é o mesmo a ser construído e estudado na Universidade. Destina-se a objetivos diferentes e a atender a um público específico: os estudantes da educação básica. Estudantes que aqui são considerados protagonistas no processo de ensino e aprendizagem e, especificamente, nas aulas de História.

Para Ana Maria Monteiro e Fernando Penna (2011, p. 192), o ensino de História na escola é um “lugar de fronteira”, em que se articulam diálogos entre os campos da História e da Educação. Segundo os autores, os saberes construídos na escola caracterizam-se como um saber específico,

Que, ao ter como objetivo a educação, o ensino e a formação de cidadãos, diferencia-se do conhecimento produzido pelos historiadores de ofício: conhecimento com rigor teórico e metodológico, que representa uma perspectiva e que precisa ser validado pelos pares, sujeito necessariamente a críticas e superações. (MONTEIRO; PENNA, 2011, p. 192)

Interessante destacar, a partir da contribuição desses autores, que os conhecimentos construídos na escola são complexos e, assim como o conhecimento acadêmico, possuem rigor teórico e metodológico. Para Carla Meinerz (2010, p. 207), “não se pode separar o conhecimento histórico produzido pelos historiadores e aquele elaborado na escola, através do ensino de História. Embora diferentes, são indissociáveis”. São indissociáveis porque o saber escolar não é esvaziado de teoria, porém, diferentes ao apresentarem suas especificidades. A autora defende que para pensar a História ensinada é preciso considerar a sua “dimensão pedagógica”, que se estabelece “com o saber e com os sujeitos sociais” envolvidos nessa prática (MEINERZ, 2010, p. 209).

Da mesma forma, podemos pensar nos saberes construídos em espaços não escolares e que propõem relações de ensino e aprendizagem a partir de ações educativas, como o APERS. Neste trabalho, a especificidade da ação educativa analisada é realizada em um arquivo público. Porém, poderia ter sido escolhido como objeto para a abordagem um museu, uma biblioteca, um memorial ou outro espaço cultural, como atesta a recente publicação

organizada por Hilda Jaqueline de Fraga *et al.* (2015), que apresenta artigos resultantes de experiências educativas em diversos espaços de memória da cidade de Porto Alegre. Esses espaços apresentam características e potencialidades diferentes para o ensino e a aprendizagem em relação ao escolar.

A proposta é educar a partir do Patrimônio Cultural, mas quais as potencialidades educativas apresentadas por essa escolha? Utilizo as contribuições de alguns autores para tentar responder a essa questão. Para Maria Beatriz Pinheiro Machado e Katani Monteiro (2010, p. 33) “mais do que aprender o patrimônio, importa aprender os instrumentos de sua constituição”. O que elas defendem é a problematização das escolhas envolvidas nesses processos. Para Francisco Lopes Ramos (2010, p. 485), que trata de questões relativas à memória, “não se trata apenas de promover o reconhecimento, mas o próprio conhecimento, que incomoda na medida em que conhecer não é confirmar o que se sabe”.

Nos lugares de memória busca-se construir aprendizados a partir dos bens culturais. Para Clarissa Alves, Nôva Brando e Vanessa Menezes (2015, p. 14) trata-se de “educar e aprender a partir do patrimônio, aguçando e qualificando nossas formas de perceber, ler e intervir no mundo ao redor”. Essas autoras apresentam outra contribuição importante para se pensar nos objetivos pretendidos e possibilitados com a utilização da metodologia da Educação Patrimonial pelo PEP:

Aprender a ler o patrimônio [...] possibilita a compreensão da trajetória histórico-temporal das relações sociais, transformando-a em instrumento para o exercício da cidadania; ou numa perspectiva histórico-crítica da educação (Saviani, 2008), capacita os alunos no sentido do reconhecimento das formas de elaboração de conhecimentos, nesse caso históricos. E que, uma vez instrumentalizados dessa dimensão crítica, temos como objetivo muni-los da capacidade de perceber as disputas de poder presentes nos mais variados discursos acerca do passado e de posicionar-se diante deles. (ALVES; BRANDO; MENEZES, 2015, p. 23)

Para as autoras, a educação para o patrimônio atua como um instrumento no exercício da cidadania – assim como para Monteiro e Penna (2011) a formação de cidadãos é apresentada como um dos objetivos da educação escolar. Em diálogo com os outros autores comentados, elas destacam a importância de conhecer a forma como os conhecimentos históricos são construídos. Essa ideia está relacionada com o reconhecimento das disputas sociais que envolvem a constituição do Patrimônio Cultural.

A respeito do ensino em espaços não escolares utilizo as contribuições de um conjunto de artigos apresentados na obra *Convergências e tensões no campo da formação e do*

trabalho docente, de 2010. Eles compõem a Parte III do livro, que trata do tema Educação em Espaços não Escolares e é organizada por Sylvania Nascimento. A autora apresenta uma justificativa para a escolha pela terminologia “educação em espaços não escolares”, em vez de “educação não formal”. Essa também é a escolha deste trabalho. Para a autora,

Escolher nomear tal temática por Educação em Espaços Não Escolares marca uma posição estrutural sobre o discurso. O foco não é a oposição entre a intencionalidade formal do sistema educativo, mas a parceria possível quando o sujeito mergulha em um espaço educativo, cujas características se afastam e se aproximam da escola. (NASCIMENTO, 2010, p. 353)

Segundo Nascimento (2010), a questão central para pensar na educação em espaços não escolares não está relacionada à formalidade do ensino. Como toda proposta educativa, as ações construídas em espaços alternativos à escola devem ser planejadas, considerando os objetivos pretendidos e a ação dos alunos que vão participar das atividades. Da mesma forma, devem ser objeto de constante reflexão. A questão central está em entender as possibilidades e potencialidades de ensino e aprendizagem nesses espaços.

Os pressupostos do IPHAN para a Educação Patrimonial incorporam a ideia de “potencializar o uso de espaços públicos e comunitários como espaços formativos” (IPHAN, 2014, p. 27). Nessa perspectiva, o trabalho com o Patrimônio Cultural propõe que sejam desenvolvidas ações a partir do diálogo entre os espaços de memória e a instituição escolar. A respeito do uso dos espaços públicos, Maria Cristina Fernandes, Clarissa Sommer Alves e Natália Silva – que estiveram ou ainda estão na equipe do PEP –, em entrevista, apontam como algo importante alcançado com as ações do Programa “a apropriação de parte do centro histórico pelos estudantes das escolas carentes e distantes do centro da capital” (*apud* CARDOSO; RODEGHERO, 2015, p. 48). Essa colocação nos ajuda a pensar, além da questão da utilização dos espaços públicos, na ampliação e democratização de seu acesso.

4.2 AS RESPOSTAS DOS ESTUDANTES ÀS QUESTÕES DAS ATIVIDADES DE RETORNO ¹³

Antes de apresentar as reflexões construídas a partir das respostas dos alunos nas Atividades de Retorno de *Os Tesouros da Família Arquivo* destaco algumas considerações. Primeiramente, é importante dizer que a oficina consiste em uma atividade educativa com

¹³ Para o ano de 2011 foram analisados 22 retornos dos 39 mencionados na análise quantitativa. Para os demais anos foi analisada a documentação completa.

início e finalização em um curto espaço de tempo – aproximadamente três horas –, o que limita as possibilidades de aprofundamento na abordagem das temáticas escolhidas. Essa é uma característica das atividades desenvolvidas em espaços como arquivos ou museus, em que as visitas das escolas são realizadas nos turnos de aula das turmas. Além disso, trata-se de uma ação voltada a um público de crianças, especialmente estudantes do sexto e sétimo anos do ensino fundamental, que elaboram suas respostas e argumentações para as Atividades de Retorno a partir dos aprendizados construídos ao longo da sua trajetória escolar.

A partir da leitura das fichas, especialmente das questões mencionadas e analisadas no Capítulo 2, observo muitas respostas parecidas nas Atividades. Isso ocorre tanto em atividades de uma mesma turma ou escola, quanto em turmas de escolas diferentes, independente do ano a que se referem. Ao constatar isso, as respostas foram agrupadas segundo os conceitos ou ideias que elas apresentam em comum. Acredito que, desta forma, a construção de reflexões sobre os escritos dos estudantes adquire um potencial de análise mais amplo.

A primeira questão analisada compôs a atividade no ano de 2010. Ainda que ela não tenha sido mantida nas edições seguintes do material, escolhi analisá-la em função da sua proposta: questionar os estudantes a respeito das fontes utilizadas para produção de conhecimento histórico. Referentes ao ano de 2010 foram analisadas 27 atividades – de quatro escolas diferentes (duas delas enviaram retornos de duas visitas).

Na maioria das respostas os documentos escritos são citados como fontes para o trabalho do historiador. Certamente, o fato de visitarem um Arquivo, cujo acervo é composto por documentos desse tipo, leva os estudantes a respostas como essa: *Podem ser usados os documentos do Arquivo Público*¹⁴.

Percebo que os estudantes fazem referência ao que escutaram ou pesquisaram na oficina. Citam como fontes as *certidões* – de nascimento, de casamento ou de óbito –, tipo de documento mencionado na primeira parte da visita, por fazer parte do acervo documental do APERS; e os *testamentos*, um dos tipos de documentos estudados na oficina, também parte do acervo da instituição. Além disso, aparecem nas respostas referências a *livros, jornais, fotos, objetos, pinturas, cartas, diários, relatos* – ou *coisas que seu avô te disse*¹⁵ –, e a *internet*. Um grupo de alunos escreve que:

¹⁴ APERS. Atividade de Retorno preenchida por sete alunos da E. E. E. F. Araguaia. Visita em 30/09/2010.

¹⁵ APERS. Atividade de Retorno preenchida por quatro alunos do Colégio de Aplicação. Visita em 28/04/2010.

*Para um historiador produzir conhecimento histórico ele pode tirar fotos, escrever um livro, fazer reportagens de coisas antigas e de coisas novas que podem vir a ser patrimônio público.*¹⁶

Nesta resposta, destaco a referência feita a “coisas antigas” e “coisas novas” como objetos para a produção do conhecimento. Entendo que esta resposta é reveladora, pois aponta para uma concepção de História, manifestada pelos alunos, como um conhecimento que não se restringe ao tempo passado.

Na questão sobre a importância de preservar o patrimônio histórico-cultural, presente na Atividade em todas as suas edições, algumas questões recorrentes podem ser apontadas. As duas referências que mais aparecem nas respostas dos estudantes são ao *passado*, num sentido de reconhecimento e valorização, e ao *futuro*, destacando a importância de deixar um legado às próximas gerações. Em muitas respostas são mencionadas frases muito semelhantes aos seguintes exemplos:

*A importância de guardar esses patrimônios é que eles são muito antigos, construídos pelos antepassados, e eles guardam muitas lembranças de nossas histórias do passado.*¹⁷

*A importância de preservar o patrimônio histórico-cultural é para que nosso futuro saiba um pouco do nosso costume, da nossa tradição e da nossa cultura.*¹⁸

*Para nós sabermos qual é a nossa história e cultura.*¹⁹

*Para preservar nossas origens culturais.*²⁰

*Para você poder lembrar da história dos seus antepassados.*²¹
*É importante para passar de geração em geração.*²²

*Para fazer pesquisa e para poder estudar sobre o passado.*²³

*Para poder ser uma fonte de estudo no futuro.*²⁴

¹⁶ APERS. Atividade de Retorno preenchida por nove alunos da E. E. E. F. Araguaia. Visita em 28/10/2010.

¹⁷ APERS. Atividade de Retorno preenchida por quatro alunos do Instituto de Educação Gal. Flores da Cunha. Visita em 23/10/2013.

¹⁸ APERS. Atividade de Retorno preenchida por duas alunas da E. E. E. F. Cidade Jardim. Visita em 02/06/2011.

¹⁹ APERS. Atividade de Retorno preenchida por dois alunos da E. E. E. F. Cidade Jardim. Visita em 02/06/2011.

²⁰ APERS. Atividade de Retorno preenchida por três alunas da E. M. E. F. São Pedro. Visita em 09/07/2014.

²¹ APERS. Atividade de Retorno preenchida por dois alunos da E. M. E. F. Aramy Silva. Visita em 24/04/2012.

²² APERS. Atividade de Retorno preenchida por cinco alunos da E. M. E. F. Heitor Villa-Lobos 11/05/2011.

²³ APERS. Atividade de Retorno preenchida por dois alunos da E. E. E. F. Humaitá. Visita em 12/04/2011.

²⁴ APERS. Atividade de Retorno preenchida por seis alunos do Colégio de Aplicação. Visita em 29/04/2010.

Na resposta transcrita abaixo, os estudantes entrelaçam essas abordagens:

*Para que no futuro nossos filhos, amigos, netos, bisnetos, possam saber a nossa história, a história de onde eles vivem e pra mostrar pro nosso futuro como a gente valorizava a nossa cidade, a nossa moradia, a nossa cultura, etc. e até mesmo para fazer pesquisa para um trabalho.*²⁵

A partir de relatos escritos por alunos do Estágio de Docência em História III – Educação Patrimonial em seus artigos finais para a disciplina, Carmem Gil nos ajuda a pensar a respeito dos conceitos de patrimônio que os estudantes da educação básica carregam consigo. Em seus artigos os alunos da graduação mencionam estudantes da educação básica com os quais interagiram em seus estágios ou abordam experiências suas na relação com o patrimônio. Em um dos relatos apresentados pela autora, o estagiário escreve a respeito do conceito de patrimônio que construiu enquanto era aluno do ensino fundamental:

O capítulo que tratava do conceito de patrimônio e de memória estampava em sua primeira página uma grande imagem da máscara mortuária do faraó Tutancâmon. Aquela suntuosa obra de arte, feita para conservar a figura do soberano egípcio e garantir que a alma do mesmo pudesse achar o caminho de volta à terra dos vivos, cumpriu sua profecia e lançou um feitiço sobre mim. A partir daquele momento, formulei um conceito: patrimônio significava exaltação dos grandes objetos que ficavam reclusos em salões nobres, guardado por detentores do conhecimento sobre os principais eventos da humanidade e de seus personagens. (GIL, 2014, p. 39)²⁶

O trecho acima faz referência a dois elementos que aparecem com frequência nas respostas dos estudantes quando perguntados sobre a importância de preservar o patrimônio. O primeiro é a associação do patrimônio ao passado. O segundo, e que está muito relacionado ao anterior, é o entendimento do patrimônio como a representação dos grandes acontecimentos ou personagens históricos. Uma observação dos espaços públicos de nossa cidade nos fornece pistas para entender como essas concepções são formuladas. Afinal, as principais representações históricas são monumentos construídos para lembrar grandes líderes políticos ou militares, associados a destacados momentos históricos. O que a cidade nos diz a respeito do que está socialmente entendido como o patrimônio de todos? Ou, como questiona Gil (2014, p. 39), “o que aprendemos a lembrar ou a esquecer sobre nossa história?”.

²⁵ APERS. Atividade de Retorno preenchida por três alunas da E. E. E. F. Prof. Leopoldo Tietbohl. Visita em 12/04/2012.

²⁶ Trecho citado pela autora e retirado de um artigo apresentado na disciplina de Estágio de Docência em História III – Educação Patrimonial, no ano de 2010: HILLESHEIN, Guilherme. *O feitiço da máscara de Tutancâmon: o museu como instrumento de conservação da memória e desenvolvimento de ações educativas*.

A partir dessas respostas, que relacionam o patrimônio principalmente ao passado, estabeleço uma comparação com aquela que citava “coisas novas” como fontes para o trabalho do historiador. Naquele exemplo destaquei a História entendida como uma construção do presente. Nestes, a ideia de construção ou ação do presente está pouco contemplada.

Entre as respostas analisadas uma noção aparece repetidas vezes: a de patrimônio entendido como algo que faz parte do passado e que, ao mesmo tempo, terá importância para as gerações futuras, conforme o seguinte exemplo: *É importante para que no futuro as pessoas saibam o que aconteceu no passado* ²⁷. Ou seja, o patrimônio é um importante elemento para que, no futuro, as pessoas possam conhecer o que aconteceu no passado, a história das grandes civilizações, os acontecimentos que mudaram o país ou o mundo.

Mas, afinal, quais as conexões que podem ser estabelecidas entre o patrimônio e o tempo presente? Os estudantes esboçam poucas considerações nesse sentido. Porém, seleciono esta resposta: *Para lembrarmos, para não repetirmos os mesmos erros que eles naquela época e ter noção do que eles já passaram* ²⁸.

Na questão seguinte, também presente na Atividade ao longo dos cinco anos, os estudantes são convidados a pensar em ações ou propostas para promover a preservação do patrimônio, da história e da memória do seu bairro e da sua escola. Essa questão é respondida pelos estudantes de forma muito heterogênea.

Há respostas que apontam para o ato de *registrar* momentos, objetos ou relatos que sejam representativos para determinado bairro ou escola, através de fotografias, filmagens e vídeos, entrevistas, registros escritos ou a guarda de documentos importantes. Entre as sugestões apresentadas pelos alunos como formas de registro estão:

Fazer entrevistas com os moradores do bairro e pegar suas histórias do bairro e fazer uma história no livro. ²⁹

Saber mais das nossas histórias do nosso bairro, conversar com nossos vizinhos mais antigos e saber das histórias antigas. ³⁰

Guardando os documentos e outros papéis da escola e do nosso bairro. ³¹

²⁷ APERS. Atividade de Retorno preenchida por duas alunas da E. M. E. F. Aramy Silva. Visita em 16/06/2011.

²⁸ APERS. Atividade de Retorno preenchida por duas alunas da E. M. E. F. Aramy Silva. Visita em 08/10/2013.

²⁹ APERS. Atividade de Retorno preenchida por dois alunos da E. M. E. F. João Paulo I. Visita em 15/04/2014.

³⁰ APERS. Atividade de Retorno preenchida por dois alunos da E. E. E. F. Cristóvão Colombo. Visita em 17/09/2013.

³¹ APERS. Atividade de Retorno preenchida por duas alunas da E. E. E. M. Prof. Alcides Cunha. Visita em 09/05/2012.

Podemos preservar a memória histórica do nosso bairro através de imagens e documentos e sempre recordando histórias de vidas que passaram pela escola.

³²

Esses exemplos destacam a valorização dada às pessoas mais experientes de uma comunidade, como detentoras de memórias desse lugar. Memórias que podem ser repassadas aos mais jovens e registradas por eles. Novamente são feitas referências aos documentos escritos e à guarda destes. Afinal, no Arquivo os documentos do acervo são considerados patrimônios, fontes importantes para contar histórias da cidade e do estado. Na escola e no bairro eles podem representar o mesmo. Outras respostas apresentam uma ideia de preservação associada ao cuidado com o meio ambiente ou à manutenção dos espaços escolares. Nesse sentido, alguns estudantes apresentam como propostas melhorias para os seus bairros ou ações de respeito entre as pessoas: *Não jogar lixo na rua, diminuir a violência, respeitar amigos e professores* ³³; *Para preservarmos a escola precisamos de mais segurança e isso serve para o bairro também* ³⁴.

Ainda nessa questão os estudantes propõem a criação de espaços – ou instrumentos – de memórias, como museus, bibliotecas, memoriais e exposições que apresentem as histórias da sua escola e do seu bairro. Provavelmente os alunos identificam nos lugares que visitam, como os arquivos e os museus, espaços privilegiados para a guarda do patrimônio e, partir disso, apresentem sugestões para a criação de lugares semelhantes nos seus espaços de vivência. Os trechos selecionados apresentam algumas das propostas dos estudantes:

Fazer em alguma casa, prédio ou até em uma escola uma biblioteca onde cada um botasse o que achava de tão importante para que cada um visualize. ³⁵

Nós achamos que é importante preservar a escola, então pensamos em como preservar. Fazendo um pequeno museu contando a história da escola, para quem já estudou aqui venha e se lembre do tempo que estudou aqui nessa escola. ³⁶

Criar uma caixa e cada aluno escrever alguma coisa sobre o que mais gostava na escola e depois guardar em um arquivo. ³⁷

³² APERS. Atividade de Retorno preenchida por duas alunas da E. E. E. F. Paul Harris. Visita em 24/09/2013.

³³ APERS. Atividade de Retorno preenchida por cinco alunos da E. E. E. M. Rafaela Remião. Visita em 06/10/2010.

³⁴ APERS. Atividade de Retorno preenchida por dois alunos da E. M. E. F. Herbert José de Souza. Visita em 09/09/2014.

³⁵ APERS. Atividade de Retorno preenchida por duas alunas da E. E. E. F. Paul Harris. Visita em 24/09/2013.

³⁶ APERS. Atividade de Retorno preenchida por três alunos da E. M. E. F. João Paulo I. Visita em 19/11/2013.

³⁷ APERS. Atividade de Retorno preenchida por três alunas da E. E. E. F. Ivo Corseuil. Visita em 02/07/2014.

*Criar um baú, com coisas históricas, e colocar um na escola e o outro na Associação dos Moradores. Nesse baú de coisas históricas vai haver: entrevistas com os moradores do bairro, fotos e documentos valiosos.*³⁸

*Produzindo e cuidando dos documentos históricos, guardando os documentos e também divulgando o que acontece na escola e no bairro.*³⁹

Essas respostas permitem concluir que esse é o espaço da Atividade em que os estudantes conseguem estabelecer maiores relações com as suas vivências. Relacionam a promoção da preservação da história, da memória e da identidade da sua escola ou do seu bairro a ações que eles mesmos podem concretizar ou a reivindicações por melhorias para as suas vidas e das pessoas com quem convivem.

A última questão analisada é o espaço no qual os estudantes devem escrever uma pequena redação a respeito dos assuntos investigados pelo seu grupo na oficina *Os Tesouros da Família Arquivo*. Ela foi incluída na segunda versão da Atividade, em 2011, e mantida até 2014.

Na maior parte das respostas há referências ao documento com que trabalharam na oficina – carta de liberdade, registro de compra e venda, inventário, testamento ou processo-crime. Os estudantes fazem uma síntese do conteúdo do documento: apontam o tipo de documento, os nomes dos sujeitos mencionados, e características – mais ou menos detalhadas – da história daqueles sujeitos.

Os alunos que trabalham em grupo com a *carta de liberdade* mencionam a questão da idade da personagem Maria, pois o documento informa que ela tinha aproximadamente noventa anos quando recebeu sua alforria. Sobre o *inventário*, normalmente João é o personagem citado – ele é cego e por isso é atribuído a ele um valor mais baixo. Ao responderem sobre o *testamento*, mencionam que através dele duas mulheres escravizadas ganhariam sua alforria e um menino, com 12 anos, receberia quando chegasse aos 21. A respeito do documento de *compra e venda*, comentam sobre a família de escravizados que é vendida junta. Sobre o caso que envolve Rufino em um *processo-crime*, os estudantes relatam que ele foi acusado por roubar um baú, mas que o processo não foi levado adiante por falta de provas.

³⁸ APERS. Atividade de Retorno preenchida por quatro alunos da E. E. E. F. Ivo Corseuil. Visita em 02/07/2014.

³⁹ APERS. Atividade de Retorno preenchida por aluno Escola Neo-Humanista Ananda Marga. Visita em 05/04/2011.

Em alguns casos é possível encontrar, na escrita da resposta, algumas reflexões que ultrapassam o que está escrito no documento. Provavelmente, são interpretações baseadas nas questões levantadas pelo “oficineiro” para discussão em grupo. Os exemplos a seguir trazem algumas das questões levantadas pelos estudantes:

*[...] por mais que soltassem ela, ela não teria espaço na sociedade [referem-se a Maria, que recebeu sua liberdade aos noventa anos].*⁴⁰

*[...] Os escravos não eram cidadãos porque não tinham direitos e só deveres e não tinham o nome dado por seus pais e não tinham documentos.*⁴¹

*Os africanos eram obrigados a deixar seu país de origem, cultura, família e as crenças.*⁴²

*Nós também conversamos sobre o porquê dele ter roubado o baú [referindo-se ao caso de Rufino], um dos motivos é por ele querer comprar a sua liberdade.*⁴³

*[...] Como ela viveria [referem-se ao caso de Maria] com seus noventa anos, sem casa, sem trabalho e uma família num país desconhecido com apenas 20 mil réis?*⁴⁴

Outros estudantes escolhem escrever a respeito das *etapas da oficina*: a chegada ao Arquivo, a visita ao acervo, a caça ao tesouro, o teatro de fantoches, o trabalho em grupos. Abordam também os seus aprendizados com a visita ao APERS e as suas impressões sobre a oficina, como podemos perceber nos trechos abaixo:

*Eles falaram sobre muitas coisas, mas as mais importantes foram sobre os escravos, os antepassados e os patrimônios. Descobri coisas que eu nem fazia ideia de que existia, que os escravos não tinham certidão de nascimento e que tem muitos tipos de patrimônios. As histórias eram fantásticas e adorei participar da caça ao tesouro.*⁴⁵

Quando a gente chegou e pensei que era muito chato, mas quando nós fizemos aquela atividade [...] mudei de pensamento. Era muito legal e gostei muito. Eu

⁴⁰ APERS. Atividade de Retorno preenchida por duas alunas da E. E. E. M. Rafaela Remião. Visita em 07/04/2011.

⁴¹ APERS. Atividade de Retorno preenchida por duas alunas da E. E. E. M. Rafaela Remião. Visita em 07/04/2011.

⁴² APERS. Atividade de Retorno preenchida por alunos da E. M. E. F. Herbert José de Souza. Visita em 01/10/2014.

⁴³ APERS. Atividade de Retorno preenchida por três alunas da E. M. E. F. Herbert José de Souza. Visita em 01/10/2014.

⁴⁴ APERS. Atividade de Retorno preenchida por duas alunas da E. M. E. F. Aramy Silva. Visita em 08/10/2013.

⁴⁵ APERS. Atividade de Retorno preenchida por dois alunos da E. E. E. F. Bahia. Visita em 06/04/2011.

*adorei [...] a atividade da caça ao tesouro e os documentos e os prédios muito legais, o teatro [...].*⁴⁶

*Foi uma pesquisa muito interessante, pois ao mesmo tempo que estávamos nos divertindo, estávamos aprendendo. O estagiário [...] nos ajudou a desvendar o mistério e tornar a história bem mais divertida. Abordamos diversos temas como com ele, escravidão, carta de alforria, que antes nem sabíamos o que queria dizer. Adoramos conhecer os documentos que estão ali e pensar que são cerca de 18 milhões de documentos [...].*⁴⁷

*Descobrimos essa história lendo papéis com lupas e vendo imagens. Desenhamos o Rufino como ele era na nossa imaginação e pela história que eles nos contaram e nós descobrimos.*⁴⁸

*[...] Continuamos procurando muitas caixas, e ficamos sabendo como é muito importante o Arquivo Público e todo o passado. Descobrimos como é dentro do Arquivo Público e porque ele não desaba, que as paredes são bem grossa e muitas prateleiras com andares e fizemos um documento nosso para ficar lá.*⁴⁹

*Nossa ida ao Arquivo de Porto Alegre foi muito legal e produtiva. Aprendemos como é o trabalho dos historiadores. Eles têm que pesquisar em todos os documentos que acharem sobre o assunto que desejam. Descobrimos também a história da escrava Maria. Fizemos uma caça ao tesouro e, no final, o tesouro não era material, mas sim, o conhecimento que obtemos nesse passeio animado.*⁵⁰

*[...] Ficamos sabendo sobre patrimônios e um pouco mais sobre a nossa história, também ficamos sabendo como o Arquivo Público foi construído.*⁵¹

*Foi bem legal lá: nós fizemos uma caça ao tesouro que tinha várias pistas para achar o que nós estávamos procurando, que eram documentos bem antigos [...]. Nós também assistimos uma palestra, para saber o que é patrimônio e que tem vários tipos de patrimônio, exemplo: patrimônio documental, patrimônio imaterial e patrimônio natural [...].*⁵²

Começamos entrando numa sala de slides [referem-se à apresentação de slides que assistem no início da visita] que mostrava o que era patrimônio, nós vimos o filme e depois uns orientadores nos dividiram em grupos de quatro alunos e nos levaram numa sala que tinha um monte de estantes com números e tinham um monte de patrimônios documentais e nós estávamos num prédio que era um patrimônio arquitetônico. Quando menos esperávamos eles anunciaram uma caça ao tesouro que encontramos a primeira pista, quando pegamos a última

⁴⁶ APERS. Atividade de Retorno preenchida por dois alunos da E. E. E. F. Solimões. Visita em 29/11/2012.

⁴⁷ APERS. Atividade de Retorno preenchida por quatro alunas do Instituto de Educação Gal. Flores da Cunha. Visita em 23/10/2013.

⁴⁸ APERS. Atividade de Retorno preenchida por dois alunos da E. M. E. F. João Paulo I. Visita em 15/04/2014.

⁴⁹ APERS. Atividade de Retorno preenchida dois por alunos da E. M. E. F. João Paulo I. Visita em 22/04/2014.

⁵⁰ APERS. Atividade de Retorno preenchida por duas alunas da E. M. E. F. João Paulo I. Visita em 23/04/2014.

⁵¹ APERS. Atividade de Retorno preenchida por duas alunas da E. M. E. F. Herbert José de Souza. Visita em 24/06/2014.

⁵² APERS. Atividade de Retorno preenchida por uma aluna da E. M. E. F. São Pedro. Visita em 09/07/2014.

*pista estava dizendo “volte ao lugar da primeira pista” e reunir todas as pistas que nós resolveríamos o mistério [...]. Gostei do passeio!*⁵³

Nesses exemplos há referências aos elementos lúdicos da oficina, como a *caça ao tesouro*, que proporcionam conciliar a diversão e a aprendizagem. Os estudantes utilizam o verbo *descobrir* para mencionar os seus aprendizados: a descoberta das histórias, a descoberta dos sujeitos, a descoberta dos espaços do Arquivo Público. Os exemplos apresentam avaliações positivas da oficina pelos estudantes – o que pode ser observado em muitas respostas. Na leitura das atividades não foi observada a presença de críticas negativas.

Novamente apresentam ideias a respeito do trabalho do historiador: *Eles têm que pesquisar em todos os documentos que acharem sobre o assunto que desejam*. Indiretamente, também apresentam uma ideia sobre a produção do conhecimento histórico: *Desenhamos o Rufino como ele era na nossa imaginação e pela história que eles nos contaram*. Os desenhos feitos pelos alunos não puderam contar somente com as informações dos documentos pra ser construídos. Ou seja, os documentos não dizem tudo. A construção do conhecimento também requer a utilização de outras fontes, que devem ser interrogadas pelo pesquisador. O pesquisador, por sua vez, realiza um esforço intelectual e interpretativo, que, para esses alunos, é a sua *imaginação*.

Nessas respostas, em que os estudantes podem seguir uma escrita mais livre, eles deixam perceber o que sentiram e experimentaram na visita ao Arquivo: a surpresa, a curiosidade, as descobertas.

4.3 DIRECIONAMENTOS PARA FUTUROS ESTUDOS

Por fim, faço algumas considerações no campo da hipótese a respeito das falas dos alunos sobre o tema da escravidão. No Capítulo 1 apresento a documentação e os textos pedagógicos da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo* relacionando-os com as potencialidades para trabalhá-los a partir de perspectivas atuais da historiografia da escravidão. O principal aspecto que aponto é a preocupação dessa nova corrente historiográfica com o tratamento dos escravizados enquanto sujeitos ativos dos processos históricos que vivenciaram. Eu esperava que, de alguma forma, essas questões estivessem presentes nas respostas dos alunos.

⁵³ APERS. Atividade de Retorno preenchida por dois alunos da E. M. E. F. João Paulo I. Visita em 24/04/2014.

Após a leitura e análise das atividades, me questiono o porquê de não estarem contempladas. Por que, em vez de associar a compra/venda da família de escravizados – Vicente, Jacinta e Fortunato – como uma escolha do senhor para evitar possíveis fugas, não associamos a uma possibilidade de resistência desses sujeitos, ou como uma forma de tentarem uma vida melhor, como sugere o texto pedagógico que acompanha esse documento?

A autora Carla Meinerz nos ajuda a pensar nessa questão, ao defender que:

As representações acerca do conhecimento histórico não dependem somente da produção historiográfica ou da História ensinada; elas relacionam-se também com as representações sociais construídas no imaginário popular, a partir de diversificadas fontes de informação. (MEINERZ, 2010, p. 208)

A partir da contribuição de Meinerz (2010), penso em como as formas de representações sociais, que, na sociedade brasileira, estão marcadas pelo racismo, atuam na construção de reflexões de estudantes da educação básica para um tema como a escravidão. Este tema é enriquecedor, porém, para receber a devida atenção deveria ser realizado outro estudo. Em parte, isso é estimulante, pois aponta desde já a possibilidade de se fazer cruzamentos entre o (pouco) que dizem os visitantes do Arquivo e concepções historiográficas sobre a temática da escravidão, por exemplo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo*, oferecida pelo Programa de Educação Patrimonial APERS-UFRGS, este trabalho procurou construir reflexões a respeito da relação entre a constituição do Patrimônio Cultural, a Educação para o Patrimônio e o Ensino de História.

A oficina aborda a temática da escravidão a partir de documentos selecionados, que compõem o acervo da instituição, e de textos elaborados pela equipe do PEP para subsidiar a análise dos mesmos. Os *tesouros* apresentados na oficina são os sujeitos cujas histórias os alunos descobrem ao longo da atividade. A minha conclusão, após o cruzamento dos documentos, dos textos pedagógicos e da bibliografia a respeito da historiografia da escravidão, é de que as escolhas do PEP permitem pensar nos sujeitos escravizados como sujeitos históricos ativos, mesmo nas condições de privação de liberdade, trabalho forçado e violência a que estavam submetidos.

A leitura e a análise das Atividades de Retorno preenchidas pelos estudantes que participaram da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo* permitiram chegar a algumas conclusões. Quando questionados a respeito da importância de preservar o Patrimônio Cultural, os estudantes o compreendem, na maioria das vezes, como algo que faz parte do tempo passado ou será útil às futuras gerações. Em poucas respostas apresentam relações com o tempo presente.

No entanto, ao apresentarem propostas para a promoção da preservação da memória, da história e da identidade de seu bairro ou de sua escola os estudantes conseguem estabelecer relações interessantes com as suas vivências e com ações que podem concretizar. Eles sugerem a construção de bibliotecas, museus, arquivos e memoriais nos seus espaços de vivência, em que possam guardar documentos, fotos, livros produzidos a partir de relatos de pessoas mais experientes. A partir dessas propostas, inserem o tempo presente na relação com o Patrimônio Cultural.

A partir da atuação do APERS como um espaço educativo, esta pesquisa propôs estabelecer uma relação entre as ações educativas da instituição e a educação em espaços não escolares. Assim como a escola constroi os seus saberes específicos, os espaços como arquivos – ou outras instituições culturais – apresentam especificidades no processo de ensino e aprendizagem. A meu ver, a principal potencialidade da educação a partir dos bens culturais e do patrimônio é a possibilidade de analisar de forma crítica a sua constituição. Dessa forma,

construir reflexões em conjunto com os estudantes, que os permitam pensar nas memórias sociais como produtos de escolhas e ressignificá-las, percebendo-se como sujeitos que podem modificar o presente a partir de suas ações.

REFERÊNCIAS

Fontes consultadas

APERS. Acervo do Programa de Educação Patrimonial UFRGS/APERS:

- Cadastro Geral de Oficinas 2009-2015;
- Modelo de Atividade de Retorno de 2010;
- Modelo de Atividade de Retorno de 2011;
- Modelo de Atividade de Retorno de 2012 e 2013;
- Modelo de Atividade de Retorno de 2014;
- Atividades de Retorno da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo* preenchidas por estudantes em 2010;
- Atividades de Retorno da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo* preenchidas por estudantes em 2011;
- Atividades de Retorno da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo* preenchidas por estudantes em 2012;
- Atividades de Retorno da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo* preenchidas por estudantes em 2013;
- Atividades de Retorno da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo* preenchidas por estudantes em 2014.

Legislação:

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 23 out. 2015.

Bibliografia

ALVES, Clarissa de Lourdes Sommer. *Reflexões sobre o ofício do historiador em arquivos a partir da construção da oficina Resistência em Arquivo: patrimônio, ditadura e direitos humanos*. 2015. 103f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em História). Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2015.

ALVES, Clarissa Sommer; BRANDO, Nôva; MENEZES, Vanessa Tavares. Ação educativa e educação patrimonial em arquivos: a oficina “Resistência em arquivo: patrimônio, ditadura e direitos humanos” no APERS. *OP SIS*, Catalão, v.15, n. 1, p. 9-27, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/view/34721/18996#.VIOxvnrTIU>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Material de apoio ao oficineiro: oficinas de educação patrimonial*. Porto Alegre: APERS, [201?].

CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino; RODEGHERO, Carla Simone. Ações educativas para o patrimônio na parceria UFRGS-Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS). In: FRAGA, Hilda Jaqueline de *et al.* (org.). *Experimentações em lugares de memória: ações educativas e patrimônios*. Porto Alegre: Selbach & Autores Associados, 2015. p. 39-49.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. Estágio de Docência em História: saberes e práticas na Educação para o Patrimônio. In: GIL, Carmem Zeli de Vargas; TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski. *Patrimônio Cultural e Ensino de História*. Porto Alegre: Edelbra, 2014. p. 37-51.

GOMES, Ângela de Castro. Questão social e historiografia no Brasil do pós-1980: notas para um debate. In: *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 34, p. 157-186, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2228/1367>>. Acesso em: 20 out. 2015.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos*. Brasília: IPHAN, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf>. Acesso em: 05 out. 2015.

MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro; MONTEIRO, Katani Maria Nascimento. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel *et al.* (org.). *Ensino de História: desafios contemporâneos*. Porto Alegre: EST: Exclamação: ANPUH/RS, 2010. p. 25-37.

MEINERZ, Carla Beatriz. Ensino de História: a relação pedagógica presente em nossas práticas. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel *et al.* (org.). *Ensino de História: desafios contemporâneos*. Porto Alegre: EST: Exclamação: ANPUH/RS, 2010. p. 203-212.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa; PENNA, Fernando de Araujo. Ensino de história: saberes em lugar de fronteira. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 36, n.1, p. 191-211, 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso em: 18 nov. 2015.

NASCIMENTO, Sylvania Sousa do. Apresentação. In: DALBEN, Ângela *et al.* (org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: educação ambiental: educação em ciências: educação em espaços não-escolares: educação matemática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 352-356.

ORIÁ, Ricardo; PEREIRA, Júnia Sales. Desafios teórico-metodológicos da relação Educação e Patrimônio. *Resgate*, Campinas, v. 20, n. 23, p. 161-171, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.cmu.unicamp.br/seer/index.php/resgate/article/view/260/259>>. Acesso em: 20 out. 2015.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de História. Sobre o uso de fontes em sala de aula. In: *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.113-128, dez. 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/7961/4750>> Acesso em: 05 out. 2015.

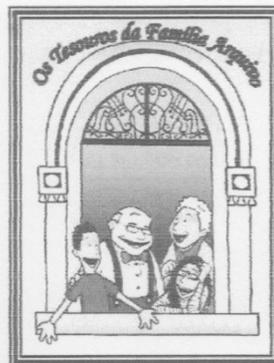
RAMOS, Francisco Régis Lopes. As seduções da memória no ensino de história. In: DALBEN, Ângela *et al.* (org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: educação ambiental: educação em ciências: educação em espaços não-escolares: educação matemática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 485-508.

RIBEIRO, Raphael Rajão, TORRE, Michelle Márcia Cobra. Diálogos com a Educação Patrimonial e o Ensino de História em Instituições Arquivísticas: Ações educativas no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 67-88, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://linux.an.gov.br/seer/index.php/info/article/view/525/439>>. Acesso em: 19 out. 2015.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; ZUBARAN, Maria Angélica. Interlocuções sobre estudos afro-brasileiros: pertencimento étnico-racial, memórias negras e patrimônio cultural afro-brasileiro. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 130-140, jan./abr. 2012. Disponível em <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/zubaran-silva.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

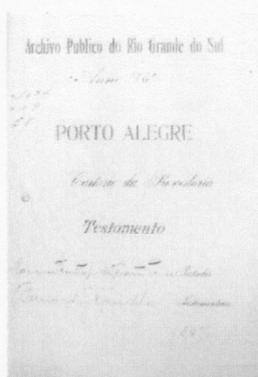
ANEXOS

ANEXO 1 – Atividade de Retorno da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo*, 2010.



**Atividade de Retorno - Oficina de Educação Patrimonial
"OS TESOUROS DA FAMÍLIA ARQUIVO"**

1) Observem esta imagem e respondam as seguintes questões:



- a) Vocês sabem o que é isto e para que serve?
 - b) De que material é feito?
- 2) Para vocês, que fontes podem ser utilizadas pelo historiador para produzir conhecimento histórico?
 - 3) Expliquem qual a importância de se preservar o patrimônio histórico-cultural.
 - 4) Que tipos de ações podem ser realizadas para possibilitar a preservação da história e da memória?
 - 5) Pensem, discutam e sugiram propostas de como promover a preservação da história, da memória e da identidade da escola e do bairro de vocês.

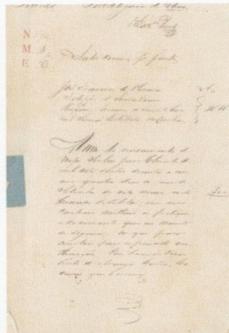
ANEXO 2 – Atividade de Retorno da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo*, 2011.



Oficina de Educação Patrimonial
"OS TESOUROS DA FAMÍLIA ARQUIVO"
Atividade de Retorno



Aluno: _____ Professor: _____
Série/Turma: _____ Escola: _____



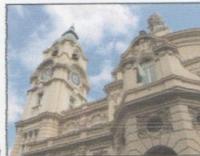
1) Observem esta imagem e respondam as seguintes questões:

- a) Vocês sabem o que é isto e para que serve?
- b) De que material é feito?

2) As imagens a seguir reproduzem diferentes tipos de patrimônios culturais. Observem, discutam, e relacionem cada imagem ao tipo de patrimônio correspondente por letras:



()



()



()



()



()



()



()



()

- A) Patrimônio Documental B) Patrimônio Arqueológico C) Patrimônio Arquitetônico
D) Patrimônio Imaterial E) Patrimônio Natural

- 3) Expliquem qual a importância de se preservar o patrimônio histórico-cultural.
- 4) Pensem, discutam e sugiram ações de como promover a preservação da história, da memória e da identidade da escola e do bairro de vocês.
- 5) Façam uma pequena redação (entre 8 e 10 linhas) sobre os assuntos que o grupo de pesquisa de vocês investigou durante a oficina no Arquivo Público.

ANEXO 3 – Atividade de Retorno da oficina *Os Tesouros da Família Arquivo*, 2014.



Oficina de Educação Patrimonial
"OS TESOUROS DA FAMÍLIA ARQUIVO"
Atividade de Retorno



Aluno: _____ Professor: _____

Série/Turma: _____ Data: _____ Escola: _____

Durante a oficina aprendemos que patrimônios não são apenas objetos ou construções que representam a cultura das elites ou de quem está no poder. Podem ser considerados patrimônios diversos tipos de registro de nossa história e cultura que sejam importantes para diferentes grupos sociais. Pensando nisso, e lembrando das atividades que vocês vivenciaram no Arquivo Público, vamos responder a essas questões?

1) As imagens a seguir reproduzem diferentes tipos de patrimônios culturais. Observem, discutam com seu professor e colegas, e relacionem cada imagem ao tipo de patrimônio correspondente, por letras:

- A) Patrimônio Documental B) Patrimônio Arqueológico C) Patrimônio Arquitetônico
D) Patrimônio Imaterial E) Patrimônio Natural



()



()



()



()



()



()



()



()

2) Expliquem qual a importância de se preservar o patrimônio histórico-cultural.

3) Pensem, discutam e sugiram ações de como promover a preservação da história, da memória e da identidade da escola e do bairro de vocês.

4) Atrás dessa folha, façam uma pequena redação (entre 8 e 10 linhas) sobre os assuntos que o grupo de pesquisa de vocês investigou durante a oficina no Arquivo Público.